



Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em História

Padre Eustáquio: o beato e o bairro – entre a religiosidade popular e os usos da memória

Bruno de Carvalho Corrêa

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História.

Linha de Pesquisa: História Social da Cultura.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Regina Helena Alves da Silva, UFMG.

Belo Horizonte

2018

À Gabi, Ernesto, Juju, Bete, Pepê e Iolanda.

AGRADECIMENTOS

Escrever agradecimentos é sempre uma tarefa difícil, pois parte de uma tarefa de relembrar de pessoas que foram e são importantes não apenas no processo de escrita, mas também nas nossas vidas. E dando spoilers do trabalho, a memória não é algo perfeito, nem algo inocente. Ao mesmo tempo, depois de tanto tempo me dedicando a esta dissertação, a memória já se encontra bastante afetada pelo cansaço e os esquecimentos serão naturais.

Primeiramente, gostaria de escrever aqui que desejo um certo presidente fora do cargo que ocupa, mas acho que não convém aqui e agora. A partir daí, quero iniciar agradecendo aqueles que foram os responsáveis maiores por essa dissertação estar sendo finalizada: meus pais. Dona Célia Maria e Seu Paulinho, vocês foram o porto seguro que ancorou todo o meu desenvolvimento como pessoa, com todo amor e todo carinho que foram possíveis.

À minha mãe, gostaria de agradecer especialmente pelo apoio irrestrito que sempre deu para a minha paixão pela leitura e pelo estudo. Nunca me negou um livro desejado, sempre deixou claro que minha prioridade deveria ser o estudo, a escola. Hoje como educador, compreendo a importância que as famílias possuem no processo educacional, e só posso agradecer à minha mãe por ter sido sempre absolutamente presente na minha vida e por ter me amparado irrestritamente com seu amor e seus cuidados, em todos os aspectos da minha vida.

Ao meu pai, meus profundos agradecimentos por tudo! Por todas as brincadeiras, por todas as broncas, por todo o amor imenso com que ele envolveu a mim e à minha família. Você foi o ponto de apoio de todos nós, foi difícil superar quando você resolveu seguir sua caminhada em outro lugar, foi duro encontrar o rumo. Hoje, quase 9 anos depois da sua partida, me sinto incrivelmente orgulhoso de tudo que construí e eu tenho absoluta certeza de que você também está orgulhoso. Sei que esteve esse tempo todo ao meu lado, e só posso te agradecer. Obrigado por ter sido meu pai, por ter me dado o apoio mais irrestrito possível e por ter sido o pai mais incrível. A expressão pai herói ganha uma conotação negativa hoje em dia, mas para mim você sempre foi e sempre vai ser o meu grande herói, o meu grande exemplo na vida.

Meus irmãos também entrarão aqui, mas apenas pela cota familiar. Brincadeiras à parte, quero agradecer ao meu irmão José Augusto pelo grande apoio e carinho nos últimos anos, sempre se colocando disponível para auxiliar e dar um abraço quando necessário. Uma parceria que demorou para ser construída, mas que certamente hoje é um laço de irmandade muito forte.

À minha irmã Juliana, gostaria de agradecer por ter sido sempre uma parceira, às vezes incompreendida, mas sempre tentando manter o alto astral e a alegria da vida. E preciso agradecer a ela por ter me dado os dois maiores e melhores presentes dessa vida: minhas sobrinhas Maria Paula e Maria Cristina (também conhecidas como Maria Coisa e Coisa Maria). Elas são a fonte do maior, mais puro e mais profundo amor que eu já senti até hoje na minha vida. Os dias em que elas nasceram foram os melhores da minha vida, e elas são as responsáveis por recarregar as baterias desse tio babão que sempre vai estar aqui para elas.

Para que este agradecimento não fique maior que a dissertação, tarefa que nem seria das mais complexas, vou agradecer aqui de uma forma mais geral à toda a minha imensa família. Meus tios, tias, primos e primas, agregados e todos que fazem parte da nossa família de alguma maneira. De um lado uma italianada com as emoções bastante afloradas, e de outro um pessoal do interior, um pouco mais introspectivo e que gosta de matutar. Resultou nessa pessoa que aqui escreve esse agradecimento meio maluco, mas de todo coração.

Também devo muito dessa dissertação aos grandes e numerosos amigos que tenho a sorte de ter na minha vida. Desde os que me conhecem desde a infância, como o Igã e o Raphael, e que estiveram presentes em todos os momentos da minha vida. A distância da vida às vezes afasta a gente fisicamente, mas os corações sempre vão estar unidos. Vocês são parte fundamental da minha vida e sempre serão.

Também tenho muito a agradecer aos meus queridos amigos feitos durante essa longa caminhada de quase uma década na Fafich. É tanta gente que eu fatalmente esquecerei de alguém, mas já deixo aqui os meus mais sinceros agradecimentos a todas e todos que de alguma forma fizeram parte da minha caminhada dentro do curso de História.

Quero agradecer aqui a: El Mejor e suas maldades épicas, e ao Douglas por ser um parceiro e um homem de caráter e sinceridade sempre irretocáveis; Nefer e sua incrível capacidade de ser ao mesmo tempo um acadêmico de primeira linha e um rei da esbórnia belorizonta; Mateus Frizzone, meu grande amigo que está junto em toda essa caminhada, sempre como um rosto simpático disposto a ouvir e apoiar; Nandinho Garcia, o meu maluco favorito e maior conhecedor de churros de Belo Horizonte e Porto Alegre; Malacco, o homem que sempre tá com a cara fechada mas com o coração aberto pra ser uma das pessoas mais generosas e solidárias que já conheci; Lenine por ser o morango do nordeste e um dos leitores mais atentos do meu trabalho, com apoio e suporte fundamentais para que eu esteja aqui hoje; Thiago Prates, que pra mim é muito mais do que “apenas um rapaz, latino americano, sem dinheiro no banco (...)”, é um grande e querido amigo que foi fundamental em vários momentos, com apoio acadêmico e emocional; Warley ‘Don Alves’ Gomes, por nos brindar com um estilo único e impossível de se copiar, tamanha a elegância; Taylane, uma amiga querida e que nos últimos meses foi também uma grande companheira na tentativa de manter a sanidade mental; Luísa, a maior fã de Falha de Cobertura que você respeita e uma amiga sensível e incrível; Allysson, o beim mais querido desse universo, uma pessoa incrível; menção mais que especial também ao super querido Raul Lanari, um amigo de todas as horas e um interlocutor fundamental para a execução deste trabalho; e por último mas definitivamente não menos importante, Fabiana Léo. Uma amiga maravilhosa, dona das facas com os piores cortes da história, dona de um coração maior que os olhos dela (sério, ela só tem olho naquela cara). Sempre presente e sempre fundamental nessa caminhada, com todo esse carinho e cuidado que só ela consegue ter com aqueles à sua volta. Meus queridos amigos e amigas, vocês são pessoas incríveis e eu sou extremamente agradecido por ter vocês na minha vida!!!

Além destas pessoas incríveis que destaquei acima, citarei agora algumas outras pessoas que considero fundamentais nessa minha jornada acadêmica. Quero deixar meus mais sinceros agradecimentos a todos vocês: Bel Leite, Marcelo Alves, Matheus Arruda, Xandão, Raziel, Muha (Alysson), Hugo Rocha, Luiz Guerra (rei do Campari), Julhelena, Henrique Guedes, Vitória Araújo. Marcus Ítalo, Bárbara Penido (tá aqui pela cota de pessoas que estudaram comigo do maternal à faculdade rrsrs), Fernando Rosa,

Bruno Vinícius, Henrique Rodrigues, Luísa Saldanha, Julio Cesar Aguiar Santana, Rute Torres, Débora Cazelato, dentre milhares de outras pessoas que se não estão aqui, estão certamente guardadas no meu coração.

Quero agradecer também a um amigo querido que infelizmente não se encontra aqui hoje para que eu possa agradecê-lo com um grande e apertado abraço. Meu querido e inesquecível amigo Leandro Faluba, parceiro das lutas da vida e que não tinha o direito de ter me deixado nessa luta do mestrado sozinho. Ele se foi, mas o carinho das lembranças boas ficarão pra sempre.

Rapidamente, também gostaria de destacar aqui os belos rapazes Gui, Samuel e Tozão, meus três princesos lindos que dividiram um apartamento e uma vida comigo. Os irmãos queridos que a vida me deu.

Também fica aqui o agradecimento aos queridos e competentes professores do Departamento de História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais. Todos importantes e fundamentais para me dar uma formação que foi muito além de simplesmente leituras e trabalho, me ensinando a compreender e ter consciência sobre meu lugar e meu papel no mundo. Destaco especialmente minha orientadora Regina Helena Alves da Silva, presente desde a graduação como uma figura instigante e que foi ponto de apoio fundamental durante todo este período na pós-graduação.

Não poderia deixar de agradecer, em hipótese nenhuma, aos meus alunos incríveis!! Vocês não sabem, mas foram fundamentais nesse processo, com todo amor e carinho que sempre recebi de vocês. Mesmo que de vez em quando eu fique meio bravo, vocês têm um lugar especial garantido no meu coração. Minhas praguinhas amadas!! Aproveito aqui também para deixar meus agradecimentos a todos do Colégio Abgar Renault Unidade Boa Vista, que citarei rapidamente: Sabrina, Luiz Márcio, Humberto, Lukas, João, Carol, Patrícia, Mariângela, Acácio, Divaniz, Nilton, Áurea, Eugênia, dentro tantos outros que estão diariamente comigo e por quem eu certamente tenho um grande carinho.

No mais, agradeço às generosas doses de cafeína ingeridas ao longo de todo esse processo de escrita, garantindo um pouco de atenção extra. E também agradeço ao Robson, o psicólogo mais incrível e que me fez recuperar o prazer em produzir academicamente.

Agora, eu quero abrir um parágrafo especial. Eu jamais poderia terminar esses agradecimentos, sem falar da pessoa que é uma das grandes responsáveis por tudo isso. Gabi, a minha amada e querida companheira, que levou o significado de companheirismo a níveis absolutamente inéditos. É impossível medir a importância dela na minha vida, mas ela sempre foi a grande motivadora em todo esse meu processo, a pessoa que sempre ficou ali do meu lado para não deixar a peteca cair. O convívio com ela e com nossos cinco gatinhos pulguentos, é das coisas mais bonitas que a vida me trouxe. É muito importante e muito reconfortante olhar para o meu lado e saber que não importa o que acontecer, ela estará ali para me dar todo suporte que eu precisar, sempre! Senhorita Gabi, muito obrigado por tudo!

RESUMO

Esta dissertação de mestrado tem por objetivo a análise das memórias geradas através da trajetória vivida pelo Padre Eustáquio von Lieshout. Beatificado em 15 de junho de 2006, a imagem do religioso está profundamente atrelada ao bairro a que empresta o nome, situado na região Noroeste de Belo Horizonte. Buscando compreender como a sua presença, pautada em forte presença da Igreja Católica no Brasil do início do século XX, ajudou a criar uma forte religiosidade popular pelos locais onde passou, pretendeu-se perceber como essa forte religiosidade em torno da figura de Padre Eustáquio conformou uma memória social sólida e permanente, determinando vivências e modos de experimentar os espaços onde essa figura ainda é muito forte. Também foi objeto de análise deste trabalho a maneira como esta memória foi manejada por diferentes atores interessados em capitalizar a partir da imagem do religioso holandês.

ABSTRACT

This master's thesis analyzes the memories generated through the trajectory lived by Father Eustáquio von Lieshout. Beatified on June 15, 2006, the image of the religious is deeply tied to the neighborhood to which he lent the name, located in the Northwest region of Belo Horizonte. Seeking to understand how its presence, based on a strong presence of the Catholic Church in Brazil in the early twentieth century, helped create a strong popular religiosity through the places where he passed, it was intended to understand how this strong religiosity around the figure of Father Eustaquio conformed a solid and permanent social memory, determining experiences and ways of experiencing the spaces where this character still very strong. This work also analyzed the way in which this memory was used by different actors interested in capitalizing on the image of the Dutch religious.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO 1 - O Padre nas cidades: espaços e vivências	23
1.1 – Vinda da Holanda	24
1.1.1 – Atuação da Igreja na América do Sul.....	26
1.1.2 – O poder carismático.....	27
1.2 – Romaria (ex-água suja)	29
1.3 – Poá	35
1.4 - A mídia e os lugares por onde ele anda - o que faz e onde	39
1.5 – Chegada a BH	45
CAPÍTULO 2 – O Padre na/da cidade: BH e o ‘Padre Furacão’ (Padre Furacão aí vc zuou bonito, curti)	50
2.1 – 15 meses	51
2.1.1 – O início em BH.....	53
2.2 – JK.....	53
2.3 - Padre Eustáquio e a Política: relação além morte.....	68
CAPÍTULO 3 – Quando o Padre se torna um espaço da cidade.....	72
3.1 – O ritual da morte	72
3.3 - Corpo volta pra igreja - fala do trajeto de levar de volta	76
3.4 - A rua e o bairro - A disputa de sentidos.....	78
3.5 - As marcações da memória para a cidade	Erro! Indicador não definido.
Conclusão.....	80

INTRODUÇÃO

As ruas estreitas, polvilhadas por árvores e interrompidas vez ou outra por simpáticas pracinhas denunciam a entrada em um ambiente que não é incomum ao belorizontino, mas que evocam quase automaticamente uma vida mais pacata, um tempo de vida mais lento.

Este espaço provoca também uma certa sensação de ruptura espaço-temporal. Saindo da larga e movimentada Avenida Tereza Cristina em direção à rua Curral Del Rey, experienciamos uma pequena viagem no tempo. De forma irônica, subir a rua que evoca o nome do pequeno povoado que foi destruído para dar lugar à moderna capital, soa como uma brincadeira dos espaços, mexendo com as temporalidades.

Se lá no século XIX o pequeno Curral deu lugar à grande metrópole, hoje no século XXI é possível sair da grande via, representante da vida moderna, agitada e movimentada das grandes cidades, e se deslocar através da pequena rua de bairro para uma temporalidade que remete à um modo de vida que é constantemente romantizado pelo ser humano, associado a algo rural, lembranças de uma vida mais lenta. Georg Simmel, em sua obra '*A Metrópole e a Vida Mental*', busca uma crítica à modernidade através da análise sobre a vida urbana, tentando demonstrar como esse modelo de vida surgido da Revolução Industrial criou um novo modelo mental, modificando a forma de viver das sociedades.

A crítica de Simmel perpassa pela situação em que o homem sofre com as dificuldades em lidar com todo o histórico social e com as diversas pressões existentes no seio da vida urbana, como as "da herança histórica, da cultura externa e da técnica da vida" (SIMMEL, 1976. p. 11). Pode-se compreender, portanto, que a vida do homem na cidade está diretamente relacionada com o contexto social em que está inserido. Este peso pode ser exercido das mais diversas maneiras, influenciando na forma como os indivíduos vivem.

Partindo deste pressuposto, pode-se transportar esta ideia para a noção de memória que pretendemos abordar neste trabalho. A memória aqui é compreendida sob seu viés social, com a construção de identidades partilhadas por um grupo social. Esta dissertação buscou demonstrar como a memória sobre o Padre Eustáquio von Lieshout

foi utilizada para a construção de um sentimento de pertencimento entre os moradores do bairro que leva o nome do religioso em Belo Horizonte.

Esta memória, tão poderosa por envolver a religiosidade de pessoas inseridas em um contexto social de forte presença da Igreja Católica, conforme veremos adiante, foi uma poderosa ferramenta para aglutinar a vida de todo um bairro ao redor da figura de uma pessoa que viveu somente quinze meses na cidade.

Analisando o percurso de Padre Eustáquio, é possível perceber que a '*mística*' em torno dele foi construída ao longo de um período de dezoito anos vivendo em solo brasileiro, com passagens pelo interior de Minas Gerais e de São Paulo. A partir daí, pode-se entender como sua imagem foi mobilizada pelos agentes sociais envolvidos no surgimento do bairro Padre Eustáquio em BH, envolvendo aí também atores que se valeram politicamente da fama do religioso.

Neste trabalho, o bairro Padre Eustáquio aparece como pano de fundo onde se constroem as relações de memória. Como já falado, essa memória sobre o Padre é criada ao longo de quase 20 anos, porém é em Belo Horizonte que atinge uma aura mais marcante, afinal é o local de sua morte.

Para analisar a importância da morte de Padre Eustáquio em solo belorizontino, podemos nos valer dos escritos de Jean-Claude Bonnet, na obra '*Les morts illustres*', artigo que integra a coleção '*Les lieux de mémoire*', organizado pelo historiador Pierre Nora. Neste texto, Jean-Claude Bonnet explora a importância da dimensão pública dos rituais fúnebres na formação da nação francesa. No entanto, é possível pensarmos também o caso de Padre Eustáquio sob essa lógica.

Afinal, a partir da morte do Padre em BH, é iniciado um processo de afirmação do seu espaço de morte dentro da cidade. O poder do ritual fúnebre é fundamental no processo de fincar as raízes do religioso no território belorizontino de maneira definitiva. Por mais que tenha vivido muitos anos em outras localidades, criando laços de vivência mais profundos com outras comunidades, a cidade que consegue colar em si a imagem de lar de Padre Eustáquio é Belo Horizonte, o espaço onde ocorre sua morte. Esta constatação é de uma força simbólica imensa, visto que sua morte marcou o espaço ao

qual se atrelou mais fortemente a sua imagem, funcionando como sua última acolhida e residência permanente, através dos restos mortais.

Também é possível perceber, através daquilo que foi proposto por Jacques Le Goff, no livro *'História e Memória'*, os motivos que levaram os diversos atores sociais e políticos envolvidos neste contexto histórico a buscarem criar os laços da morte de Padre Eustáquio com Belo Horizonte. Pra Le Goff, "Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram as sociedades históricas" (1990, p. 225). Esses atores sociais e políticos buscaram efetivamente a criação destas memórias rituais sobre a morte do Padre como maneira de terem o domínio sobre o que se lembrará e o que se esquecerá em sua trajetória, ou em último caso, aquilo que será mais ou menos lembrado quando se falar em Padre Eustáquio.

As grandes cidades viveram um intenso processo de inchaço populacional ao longo de todo o século XX, se tornando o principal local de moradia do ser humano. Ao longo do século, as cidades passaram por intensas transformações, criando locais absolutamente diversos culturalmente. Os migrantes e imigrantes, as guerras, as crises econômicas e sociais, moldaram cidades cada vez maiores e mais populosas.

Este ambiente incrivelmente diversificado vem sendo alvo de um número cada vez maior de estudos acadêmicos, das mais diversas áreas como a sociologia, a antropologia, a geografia e a história, dentre outras. O presente estudo se insere no campo dos estudos sobre a religiosidade popular e as políticas de memória, contando sempre com a valiosa contribuição destes outros ramos do conhecimento, na busca por compreender a maneira como a fé em Padre Eustáquio conformou uma nova maneira de se relacionar com as pessoas e com os espaços. A memória sobre o Padre se torna paulatinamente um elemento constituinte das mentalidades e destes espaços físicos, definindo a maneira como as pessoas vivem o bairro.

No entanto, a memória não é uma entidade superior que determina a vida humana sem sofrer sua interferência. Ela é diretamente construída pelo conjunto social, e os usos desta memória são muitas vezes direcionados de forma a criar espaços que se queria constituir. De acordo com Maurice Halbwachs, em sua obra *"A memória*

coletiva”, a memória não existe sem o contexto social. O processo de recordação do passado é feito a partir de uma localização do ‘eu’ no outro. As memórias dos outros membros do grupo social servem como pontos de localização, de onde retira-se elementos para construção da memória individual. (HALBWACHS, 2004.)

Neste sentido, para Halbwachs, a memória percebida pelo conjunto é formada pela união das diversas memórias individuais presentes no grupo social. A partir deste preceito, pretendo analisar como é criada uma memória comum sobre o Padre Eustáquio von Lieshout e como essa memória é mobilizada de diversas formas e em momentos distintos como forma de criar identidades.

A escolha por um bairro como pano de fundo para a pesquisa se deu pelo compreensão de que os bairros, no contexto das grandes cidades, se tornaram ambientes com modos de vida¹ próprios e em alguns casos, relativamente independentes entre si e em relação ao centro, geralmente agregador da vida social e econômica. Ao se tornarem tão relevantes para a vida humana, tornam-se igualmente relevantes para os historiadores. Como bem define March Bloch em Apologia da História, “(...) o bom historiador se parece com o ogro da lenda. Onde fareja carne humana, sabe que ali está a sua caça”. (BLOCH, 2002. P. 54)

Existem diversas maneiras de se definir o que é um bairro. Segundo Marlene P. V. Teixeira (1986),

“Um bairro define ou se individualiza por três elementos: paisagem urbana, conteúdo social e função. A paisagem urbana está refletida no tipo, estilo e idade das construções, no traçado de suas ruas etc.; o conteúdo social é referente ao modo e ao padrão de vida de sua população; a função é a atividade básica que o bairro desempenha dentro do organismo urbano, isto é, função residencial, comercial ou administrativa, para a qual desenvolve um determinado equipamento funcional”.

Podemos ver que o bairro possui grande variedade de sentidos e definições, demonstrando a multiplicidade característica do ambiente urbano, especialmente nas

¹ Modos de vida são aqui entendidos como o conjunto de fazeres cotidianos que ajudam a conformar uma certa identidade e padrão de comportamento em um determinado local. Segundo Isabel Guerra, os modos de vida demonstram “a relação entre as variáveis de análise – o econômico, o político, o cultural, etc., e a articulação entre os níveis de percepção do real – o “sistêmico” e o “estratégico”. E, dificilmente a análise dos “modos de vida” pode ignorar a hierarquia das redes de poder que estabelecem as articulações entre as diferentes “esferas” do real” (GUERRA, 1993).

grandes cidades. Além da função como unidade administrativa, o bairro também é o ambiente do convívio diário e das relações sociais mais próximas entre os habitantes dos núcleos urbanos. É também neste espaço de convivência e proximidade da vida urbana, que vemos o ambiente mais propício ao surgimento de memórias que agem na construção de identidade.

De fato, o bairro pode ser definido como uma região delimitada geograficamente dentro de uma cidade para fins administrativos. Pode ainda ser um local historicamente construído através da associação de moradores que se compreendem como parte de uma mesma localidade, muitas vezes definida informalmente.

Qualquer que seja a definição a respeito do que forma um bairro, ele não passa de um conjunto de construções vazias sem os seus habitantes. Na verdade, essa lógica se aplica as cidades como um todo. Sem pessoas, a cidade nada mais é do que um vazio de concreto e asfalto. São as pessoas que tornam as cidades importantes do ponto de vista dos estudos acadêmicos, são as pessoas que tornam as cidades aquilo que elas são. Sendo papel do historiador buscar o rastro humano ao longo do tempo, as cidades se tornam ambiente privilegiado para a sua ação. E é para essas pessoas que as cidades deveriam ser governadas, algo que raramente vemos acontecer.

Se a rua é o espaço básico da vivência humana na cidade, o bairro é o espaço por excelência onde as relações humanas se desenvolvem. É neste ambiente que os hábitos cotidianos se repetem e se tornam algo que identifica a região. Através de locais como igrejas, escolas, comércio ou espaços públicos como praças, as relações humanas se desenvolvem e se tornam mais fortes. Cria-se então um sentido de pertencimento ao local, algo que muitas vezes acompanha as pessoas ao longo de toda a vida.

Segundo a filósofa francesa Anne Cauquelin, a cidade se faz pelas várias experiências que estão ali presentes. O concreto, o asfalto, as árvores, tudo está impregnado pelas experiências diárias de cada um dos habitantes da cidade (CAUQUELIN, 1982). Essa mistura de experiências é que faz a *urbe* contemporânea ser um espaço múltiplo, algo nem sempre respeitado e explorado de maneira positiva pelo poder público.

As lembranças dos locais por onde se anda, das ruas da infância, dos caminhos percorridos para a escola e para o trabalho é que permeiam a experiência de cada morador dentro da cidade. As lembranças dos locais por onde anda, das ruas da infância, dos caminhos percorridos para a escola e para o trabalho. Elas é que permeiam a experiência de cada morador dentro da cidade. É essa “*cartografia sentimental*” dos espaços públicos que cria em cada pessoa uma sensação de pertencimento a um lugar, criando identidades que a permitem criar ligações sociais dentro da sociedade contemporânea.

De acordo com Suely Rolnik, em ‘*Cartografia Sentimental, transformações contemporâneas do desejo*’,

“...a cartografia – diferentemente do mapa, representação de um todo estático - é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem. Paisagens psicossociais também são cartografáveis. A cartografia, nesse caso, acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos - sua perda de sentido - e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornaram-se obsoletos. ” (ROLNIK, 1989)

Vemos aqui uma noção da cartografia como algo mutável, como algo que pode – e segundo a autora, deve – ser construído partindo das sensibilidades, das formas de vivenciar os espaços. Vemos exemplos diários da aplicação deste conceito na vida cotidiana, com ruas que oficialmente pertencem a um bairro, mas os moradores se consideram parte de outro, seja por uma questão financeira ou cultural, ou pessoas que vivenciam espaços ao mesmo tempo, mas com experiências amplamente distintas – um morador de rua certamente percebe uma praça de forma bastante distinta da maneira como um turista a percebe.

Tal cartografia sentimental pode ser diretamente aplicada ao caso do bairro Padre Eustáquio em Belo Horizonte e das relações sociais construídas em torno do religioso que lhe empresta o nome. Ali, naquele espaço, criou-se uma certa sensibilidade social que unifica comportamentos e cria memórias. As lembranças sobre o padre holandês que marcou tão profundamente a vida daquela região conformam um conjunto de memórias que saem das mentalidades e se imiscuem com o concreto, que se tornam parte fundamental do espaço físico onde as pessoas circulam e convivem.

Tem-se como objetivo ainda analisar a coesão da memória social presente entre os moradores do bairro Padre Eustáquio, utilizamos um dos cânones nos estudos sobre memória social ou coletiva, Maurice Halbwachs. Para este trabalho, interessa sua obra *A Memória Coletiva*, (HALBWACHS, 2006) coleção de textos publicados postumamente.

Para Halbwachs, a memória coletiva se constitui como uma teia de lembranças de um determinado grupo social. Portanto, a memória coletiva compõe-se como resultado do conjunto de lembranças, onde cada memória individual permanece como ponto de vista distinto sobre o todo.

A relação entre os sujeitos e seus locais de memória também se constituem como objeto de estudo de Michael Pollak. Em suas obras *Memória e Identidade Social*, conferência proferida pelo autor em 1989 durante período como Professor Visitante do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), e *Memória, esquecimento, silêncio*, (POLLAK, 1992) artigo divulgado em publicação da mesma instituição, Pollak propõe que se pense a memória como elemento formador da identidade.

Segundo Pollak, a memória atua como um dos elementos criadores do sentimento de identidade de um grupo. Desta forma, pensando a dimensão política da memória, percebe-se que em diversos momentos a memória de um grupo é criada mediante batalhas. No momento em que se dão essas batalhas, a memória e o esquecimento passam a compor duas faces da mesma moeda.

No decorrer das batalhas pela memória, tenta-se utilizar o seu caráter identitário para construir significados que geram identidades vinculadas a projetos políticos. Ainda que não se pretenda aqui analisar especificamente projetos políticos para a região, o caráter identitário da memória sobre o qual Pollak discorre servirá como base para tentar explicar como se deu a formação da identidade do grupo social dos moradores do bairro Padre Eustáquio em torno da imagem do sacerdote.

A presente pesquisa surgiu através do trabalho que desempenhei durante dois anos na Diretoria de Patrimônio Cultural de Belo Horizonte (DIPC/BH). Ali, em meio a pesquisas relacionadas ao projeto “Bairros Pericentrais de Belo Horizonte: patrimônio cultural e modos de vida”, realizando por uma parceria entre a DIPC/BH, professores e alunos do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUC Minas, descobri o bairro Padre Eustáquio e por consequência a figura que lhe empresta o nome.

Digo que descobri o bairro, pois antes de ser enviado para pesquisa-lo, pouco conhecia a seu respeito. Possuía como principal referência à localidade a notoriedade por ter abrigado o Frei Eustáquio von Lieshout, popularmente conhecido como Padre Eustáquio. E mesmo esse conhecimento não se dava por algum tipo de relação direta com a fé no religioso falecido na década de 1940.

Sabia da existência de tal figura apenas por sua presença dentre as histórias familiares, muitas delas ligadas a supostos milagres realizados pelo religioso. Ou seja, a existência do bairro em minha vida durante muito tempo esteve unicamente atrelada a existência do Frei Eustáquio. Toda aquela região, para mim existia resumida a apenas memória de um ser humano. Este breve relato pessoal, cabe aqui como uma tentativa de reforçar a maneira como a imagem do Padre é potente, atingindo um espectro populacional que vai muito além da comunidade do bairro.

Segundo a pesquisa realizada em outros bairros de Belo Horizonte, no âmbito da pesquisa feita para o projeto “Bairros Pericentrais de Belo Horizonte”, vemos que essa visão sobre o bairro Padre Eustáquio não se limita somente a minha experiência pessoal (CORRÊA & NETO, 2012). Diversos moradores da cidade conhecem o bairro apenas pela figura do Padre ou pela grande oferta de serviços como bancos e lojas. E mesmo quando frequentam a região, tal presença se dá em grande parte para uma visita ao Santuário da Saúde e da Paz².

Se foi possível mapear a importância da sua memória para a cidade deveria ser possível fazê-lo para o local que recebe seu nome. Me interessei, portanto, em tentar

² Atual denominação da Igreja dos Sagrados Corações, popularmente conhecida como Igreja do Padre Eustáquio.

compreender como a figura do religioso Eustáquio von Lieshout determinou a criação de um espaço de vivências diretamente marcado pela presença de sua memória e pautado por uma forte religiosidade popular.

Aqui, acredito que valha a pena realizar uma explicação do conceito de religiosidade. Para o autor Ivan Aparecido Manoel, em seu texto ‘História, Religião e Religiosidade’, a religião é constituída pelo conjunto oficial de práticas de uma comunidade religiosa, como uma Igreja, por exemplo. Já a religiosidade, seria a maneira como cada indivíduo vive sua crença individualmente. A religiosidade tem relação com um desejo do homem em encontrar o sagrado como uma possibilidade de explicação do mundo.

Chamou-me a atenção ainda o bairro possuir ambiente tão residencial, em meio a um processo tão intenso de verticalização urbana em toda a cidade. Na verdade, através do projeto de pesquisa “*Bairros Pericentrais de Belo Horizonte: patrimônio cultural e modos de vida*”, (ANDRADE & ARROYO, 2012) é possível perceber que Belo Horizonte guarda ainda essa aura de “cidade interiorana”, de local onde as vivências ainda se cruzam de maneiras bastante próximas

Além do Padre Eustáquio, vários outros bairros ditos pericentrais – por estarem próximos ao centro da cidade – preservam tais características. Localidades como os bairros Floresta, Santa Tereza, Carlos Prates e Bonfim, possuem ainda essa proximidade entre seus moradores, que levam a uma convivência que muitas vezes remete a cidades interioranas (Idem, 2012). Por características de cidades interioranas, compreende-se aqui a ideia de uma vida regida por uma temporalidade distinta daquela apresentada em grandes centros urbanos, além da maior proximidade nas relações sociais. Evidentemente, cada um desses bairros guarda em si uma maneira própria de vivência, definida pelos diferentes grupos sociais que ali habitam e frequentam.

Locais como o bairro Bonfim possuem uma relação de convivência profundamente marcada por problemas de segurança pública. Já no bairro Floresta, as relações são muitas vezes construídas em “microcosmos” dentro do bairro, devido a sua grande extensão territorial e ao fato de já apresentar áreas com um processo de

verticalização e adensamento populacional bastante avançados, onde a socialização dos indivíduos é menor ainda que existam mais pessoas. (Ibidem, 2012)

No bairro Padre Eustáquio, vemos algumas situações que são interessantes do ponto de vista da análise histórica. O Santuário da Saúde e da paz, conhecido popularmente como Igreja do Padre Eustáquio, é um ponto central na vida dos moradores do bairro. Jovens, idosos, trabalhadores do comércio local, todos utilizam o espaço físico da igreja, e criam um espaço de vivência com uma temporalidade completamente distinta da que se vivencia na parte exterior.

Paralelamente, o presente trabalho pretende demonstrar como foi o processo de construção da imagem de '*padre curandeiro*', ou de '*padre taumaturgo*', que acompanhou Frei Eustáquio von Lieshout ao longo de sua vida em terras brasileiras. É no Brasil que se torna figura proeminente para os adeptos da fé católica, sempre ligado à uma figura de homem próximo dos mais pobres e dos doentes.

Desta forma, um dos objetivos desta dissertação é ter um entendimento sobre a formação do bairro após a morte do padre, destacando a forma como sua figura influenciou decisivamente nesse processo, seja sob a forma de união dos moradores em torno de sua memória, seja através do uso político que se pretendeu fazer de sua imagem. Aqui se pretende realizar uma discussão que tentará mostrar a maneira como a memória sobre Padre Eustáquio se tornou eixo fundamental da vida social do bairro.

Para contar a história da vida do Frei no Brasil, utilizaremos jornais de cidades por onde o beato passou antes de se fixar em Belo Horizonte. Algumas cidades do interior de Minas Gerais e de São Paulo, como Romaria e Poá, possuem ainda hoje forte ligação com a imagem de Padre Eustáquio³.

Também tentaremos demonstrar como foi a recepção da cidade ao notório religioso, cuja reputação o precedia em qualquer lugar no Brasil. Para isso, utilizaremos

³ Como exemplo da importância que Padre Eustáquio possui nas referidas cidades, Romaria possui uma longa avenida com o nome do religioso, além de o Santuário de Nossa Senhora da Abadia possuir referências à presença do padre como seu pároco, quando a cidade ainda se chamava Água Suja. Já em Poá, no interior de SP, encontramos diversas referências a figura do padre holandês, como logradouros públicos com seu nome, estátua em sua homenagem e a comemoração do Dia de Padre Eustáquio, marcando a data de sua morte, 30 de agosto de 1943.

jornais do período para ilustrar o debate a respeito do impacto que sua chegada teve nos moradores da capital de Minas.

No segundo capítulo desta dissertação, abordaremos o processo de estadia do Frei Eustáquio von Lieshout em Belo Horizonte e qual o impacto que sua presença causou à região. A vinda do religioso holandês para a capital mineira, após passar vários anos vivendo em diferentes cidades do interior dos estados de SP e MG, foi decisiva para a formação do bairro como o conhecemos atualmente. Afinal, sua chegada à cidade, após um silêncio inicial dos jornais da capital, foi rapidamente transformada em evento social, com grande quantidade de habitantes de BH se dirigindo à região da Vila Celeste Império, parte do atual bairro Padre Eustáquio, para visitar o padre com fama de milagroso. Neste capítulo também se buscará compreender melhor a maneira como a presença do religioso teve reflexos na vida política da cidade, através de seu estreito relacionamento com o então Prefeito de BH, Juscelino Kubitschek. A relação entre dois personagens tão marcantes da década de 1940 na cidade, certamente deixou marcas.

Posteriormente, no terceiro capítulo, iremos abordar a morte do padre e a sua repercussão na cidade e na vida dos moradores. Através de fotografias e jornais, tentamos demonstrar o tamanho da influência do religioso sobre a população das vilas operárias do entorno da Capela Cristo Rei, localizada na antiga Vila Celeste Império, e ponto de se promover uma peregrinação daqueles que desejavam receber a benção pelas mãos de Padre Eustáquio.

CAPÍTULO 1 - O Padre nas cidades: espaços e vivências

Neste capítulo, temos por objetivo compreender como se criou uma determinada imagem sobre o Frei Eustáquio von Lieshout, conhecido popularmente como Padre Eustáquio. Visando atingir o objetivo aqui proposto, neste capítulo traçaremos a vida do Beato até sua chegada a BH, com a imagem de “Padre Taumaturgo” já bastante consolidada. Também buscaremos compreender como tal imagem “*mística*” sobre o Padre foi criada, pautada pela grande religiosidade presente na sociedade brasileira entre as décadas de 1920 e 1940.

Dentro deste capítulo, pretende-se também perceber a maneira como a presença do Pe. Eustáquio marcou os espaços por onde passou, seja por meio da memória criada em torno de sua figura, seja pelas transformações efetivas da paisagem que sua presença instigou.

A possibilidade de acessar tais informações se dá pelo uso principalmente dos jornais como fontes históricas. No entanto, para isso deve-se problematizar o uso deste tipo de fonte, dadas as suas peculiaridades. O jornal expressa uma visão da realidade expressa sob o ponto de vista daqueles que o escrevem. Tânia Regina de Luca aponta, em seu texto *‘História dos, nos e por meio dos periódicos’*, para as dificuldades historicamente apontadas para o uso dos jornais como fonte, sempre ligadas às dificuldades em ler as intenções por trás da escrita (2006, p. 116 e 117).

A escolha pelos jornais como fontes se deu pela possibilidade de utilizá-los para localizar geograficamente a figura de Padre Eustáquio. As suas aparições esporádicas em jornais de localidades distintas, torna o uso desta fonte praticamente irresistível. Ao longo da pesquisa, foi possível mapear os movimentos territoriais do religioso holandês, vendo claramente como se moveu pelo interior de Minas Gerais e São Paulo. Inicialmente, como o pároco responsável pelas comunidades de Romaria (ex - Água Suja, em MG) e Poá (interior de SP), e depois como uma espécie de fugitivo controlado pela Igreja Católica. Temendo talvez um movimento similar àquele em torno de Padre Cícero em Juazeiro, quando o Padre tornou-se santo e utilizou sua santidade para ocupar um espaço político

No livro *‘Padre Cícero: sociologia de um Padre, Antropologia de um Santo’*, o autor Antônio Mendes da Costa Braga realiza um amplo processo de análise das relações

desenvolvidas por Padre Cícero na região de Juazeiro do Norte, no estado no Ceará. Vivendo nas primeiras décadas da república brasileira e sendo originário do sertão cearense, o fenômeno Padre Cícero se desenvolveu dentro de um sistema político definido como Coronelismo⁴, pautado pelas relações sociais estreitas e controladas pelo uso constante de poderio econômico e militar por parte dos coronéis (BRAGA, 2008. p. 192).

Ao analisarmos a trajetória de Padre Cícero, especialmente no que toca a forma como a Igreja Católica decidiu lidar com sua influência política, buscando a todo momento afastá-lo da imagem de santo, de padre taumaturgo, vemos uma nítida similaridade com a trajetória de Padre Eustáquio. A diferença principal aqui talvez esteja nos comportamentos individuais de ambos os religiosos. Enquanto Cícero se manteve firme em suas convicções e em nome disse perdeu seus direitos sacerdotais, como exposto por Antônio Mendes da Costa Braga (2008, p. 172 e 173), Eustáquio optou por seguir as recomendações eclesiais e se afastou da vida paroquial por um período de cerca de quatro anos, entre 1938 e 1942. Neste período, tudo que temos são aparições esporádicas em diferentes cidades da região sudeste do Brasil.

Trazer a figura do Padre atravessando os diversos ambientes por onde circulou no Brasil configura uma tarefa fundamental ao trabalho. Em uma via de mão dupla, revela a forma como o Padre desenvolveu sua vida em terras brasileiras, bem como mostra a maneira como os espaços ao seu redor se modificaram com a sua presença. Marcar os espaços por onde circulou e que modificou, é ponto central para compreendermos melhor a maneira como influenciou no surgimento do bairro Padre Eustáquio.

1.1 – Vinda da Holanda

O Padre Eustáquio von Lieshout, nascido em 1890, na cidade de Aarle Rixtel, na Holanda, sob o nome de Humberto, teceu desde cedo sua educação dentro de instituições religiosas. Segundo sua biografia no site oficial do Vaticano,

“Em 10 de dezembro de 1913, Padre Eustáquio iniciou o noviciado canônico, em Tremelo, na Bélgica. Fez votos de pobreza, castidade e obediência

⁴ Coronelismo aqui está entendido no sentido de uma “estrutura coronelística”, que “é vista como algo fundado numa dominação política, no domínio de uma parentela (...) na posse de bem e fortuna, na qual estão envolvidos interesses políticos privados (...)”. Maria Isaura Queiroz, no texto “O Coronelismo numa interpretação sociológica, parte da coleção História Geral da Civilização Brasileira, organizada por Boris Fausto.

como religioso da Congregação dos Sagrados Corações, no dia 27 de janeiro de 1915, tendo feito os votos perpétuos três anos mais tarde.” (REFERENCIA??)

Entre 1919 e 1924, deu início a sua atuação paroquial, trabalhando em diversas paróquias holandesas. Em 1924, Padre Eustáquio dirige-se à Espanha a serviço da Congregação dos Sagrados Corações de Jesus e de Maria para aprender espanhol, visto que fora designado missionário na América do Sul, como podemos confirmar no trecho a seguir, retirado do site oficial do Vaticano:

Em agosto de 1924, por ordem dos superiores, chegou à comunidade da Congregação em Miranda de Ebro, na Espanha, a fim de aprender a língua espanhola, pois fora nomeado missionário na América do Sul, juntamente com os padres Gil van den Boorgart e Matias van Rooy. Em 22 de abril do ano seguinte, os três deixaram o porto de Amsterdam com destino ao Rio de Janeiro. (http://www.vatican.va/news_services/liturgy/saints/ns_lit_doc_20060615_eustaquio_po.html. Acesso em: 28 de maio de 2018, às 16:24.)

Junto aos padres Gil e Matias, também da SSCC, viajaram ao Brasil com o objetivo de abrir a primeira paróquia da Congregação no país, de forma a atender aos apelos de Roma pela expansão das atividades das ordens europeias na região.

Situados inicialmente na cidade de Petrópolis, os padres dos Sagrados Corações se encontram com D. Antônio Lustosa, Bispo de Uberaba. A pedido deste, assumem a Paróquia de Água Suja⁵, no Triângulo Mineiro.

Deve-se destacar aqui, que a década de 1920 assistiu a um movimento de intensa chegada de instituições religiosas ligadas à Igreja Católica no Brasil. Ao contrário do que se poderia imaginar, a partir da ideia de secularização da República do Brasil no momento da criação da constituição de 1891, houve na realidade um acréscimo significativo da presença da Igreja de Roma no país (ARDUINI & BITTENCOURT, 2017).

A partir da vinda para a América do Sul, no ano de 1925, Padre Eustáquio pôde colocar em prática sua formação eclesial, agindo sempre no sentido de buscar a criação de coesão social nas comunidades por onde passou. Tal coesão, lógico, orbitava sempre ao redor da religião e de seus valores e rituais, sendo inegável, porém, que houvesse um componente individual, do comportamento pessoal do Padre, que o tornava um líder nas regiões onde exerceu o sacerdócio.

⁵ Atual cidade de Romaria

A imagem do padre participativo, que se integra a comunidade, acabava por cativar a população em torno da figura do religioso. Podemos afirmar que Pe. Eustáquio obteve grande sucesso ao utilizar seu carisma a favor da consolidação e capilarização do poder regional da Igreja Católica no Brasil.

1.1.1 – Atuação da Igreja na América do Sul

Com o fim do Império e do regime de Padroado⁶ a Igreja experimentou grande liberdade de ação sob o governo republicano. Ao deixar de ser braço oficial do Estado, quando muitas vezes era limitada pelo Imperador, a Igreja se viu pronta para expandir suas atividades em solo nacional.

Atendendo a uma demanda das elites econômica e eclesiástica do país, diversas ordens religiosas se instalaram no Brasil entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Essas ordens supriam carências principalmente das áreas de educação e saúde no país, ao mesmo tempo em que expandiam o poder de Roma sobre a Igreja Católica no Brasil (Idem, 2017).

A partir do Concílio Plenário da América Latina, realizado em 1899, a cúpula da Igreja Católica buscava incrementar sua hierarquia junto aos membros presentes na América Latina, bem como criar uma rede de poder mais bem estruturada. De acordo com Arduini e Bittencourt,

⁶ É a designação do conjunto de privilégios concedidos pela Santa Sé aos reis de Portugal e de Espanha. Eles também foram estendidos aos imperadores do Brasil. Tratava-se de um instrumento jurídico tipicamente medieval que possibilitava um domínio direto da Coroa nos negócios religiosos, especialmente nos aspectos administrativos, jurídicos e financeiros. Porém, os aspectos religiosos também eram afetados por tal domínio. Padres, religiosos e bispos eram também funcionários da Coroa portuguesa no Brasil colonial. Isto implica, em grande parte, o fato de que religião e religiosidade eram também assuntos de Estado (e vice-versa em muitos casos). No período colonial, as atribuições e jurisdições do padroado eram administradas e supervisionadas por duas instâncias juridicamente estabelecidas no Reino português: a *Mesa de Consciência e Ordens* e o *Conselho Ultramarino*. A primeira, criada pelo rei Dom João III em 1532, julgava, por mandato papal e real, os litígios e causas de clérigos e de assuntos ligados às “causas de consciência” (práticas religiosas especialmente). A segunda tratava mais dos assuntos ligados à administração civil e ao comércio. Faziam parte de ambas, delegados reais, geralmente doutores em teologia nomeados pela Santa Sé. A união indissociável entre Igreja Católica e Estado português e espanhol marcou a ação colonizatória destes dois reinos em disputa pela hegemonia no comércio mundial no início dos Tempos Modernos e também as ações pastorais de atrair à fé católica os povos nativos das terras conquistadas, e ainda, a luta contra o avanço do protestantismo. O fim do regime de padroado no Brasil se deu com a Proclamação da República em 1889. Indicações de leitura: Eduardo HORNAERT (org.) (1983), Ronaldo VAINFAS (2000) e Ney DE SOUZA (org.) (2003).

Retirado de: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/glossario/verb_c_padroado2.htm. Acesso em: 25 de maio de 2018, às 19:53.

“(...) depois de reunirem-se no Concílio Plenário da América Latina, o qual teve lugar em Roma e agrupou toda a elite eclesiástica da região para formular um projeto único para a América do Sul, as autoridades eclesiásticas brasileiras deram início à criação de uma estrutura capilar apoiada pela instalação de dioceses nos principais centros urbanos do País. A administração eclesial, que se encontrava até então dispersa em uma série de iniciativas relativamente autônomas, passou a se estruturar em uma pirâmide cujos agentes tinham lugar cada vez mais bem definido, em termos institucionais e territoriais. (ARDUINI & BITTENCOURT, 2017. p.15)”

Podemos perceber, portanto, que a vinda da Ordem dos Sagrados Corações de Jesus e Maria está inserida em um contexto maior de reorganização da Igreja de Roma. A medida que perde espaço na Europa, com o avanço do ideário liberal, busca fortalecer sua posição na América Latina adotando postura mais firme e centralizando a hierarquia.

Dentre as ferramentas utilizadas para fincar pés definitivamente nos mais diversos rincões da América Latina, o Concílio Plenário da América Latina também propôs alterações na maneira de agir de seus membros. Ainda de acordo com Agueda Bitterncourt e Guilherme Arduini,

“Uma consequência perceptível foi o abandono de um catolicismo voluntarioso e popular na base e ancorado nas benesses do Estado na cúpula para a implementação de outra forma de atuação dos profissionais religiosos, mais presente na vida de seus fiéis através da administração frequente de ritos (sacramentos) para chancelar o pertencimento de seus fiéis à comunidade em todos os momentos cruciais da vida, como por exemplo o nascimento (batismo), o ingresso na vida adulta (crisma), o casamento (matrimônio), a morte (enterramento)... entretanto, a liturgia da missa dominical e das festas religiosas deu ensejo a propor ritos que reforçassem o papel central da Igreja no cotidiano de seus fiéis.”

Nesta passagem, os autores abordam tema central na vida de Pe. Eustáquio. Conhecido como padre participativo nas comunidades por onde passou, ele estaria apenas seguindo os preceitos de sua formação religiosa. Tendo iniciado sua vida eclesiástica com o noviciado canônico, em 1913, teve toda sua formação dentro da estrutura da Igreja marcada pelo contexto do referido Concílio.

1.1.2 – O poder carismático

Neste ponto, acredito que valha a pena ressaltar uma característica primordial à forma como Padre Eustáquio se imiscuía dentro das comunidades por onde passou no Brasil: o carisma. De acordo com Max Weber, em sua conferência de 1919, “A Política como Vocação”,

(...) a autoridade do dom da graça (carisma) extraordinário e pessoal, a dedicação absolutamente pessoal e a confiança pessoal

na revelação, heroísmo ou outras qualidades da liderança individual. É o domínio “carismático”, exercido pelo profeta ou, no campo da política, pelo senhor de guerra eleito, pelo governante plebiscitário, o grande demagogo ou o líder do partido político. (WEBER, 1967)

A ideia aqui é compreender o poder exercido pelo religioso sobre aqueles que o cercam, pela chave da dominação carismática Weberiana. Esse carisma, pautado na fé inabalável nas qualidades e virtudes do líder, me parece útil para explicar a força que Pe. Eustáquio exercia sobre as pessoas das comunidades em que viveu.

Para o próprio Weber, seria difícil encontrar em estado puro qualquer dos três tipos de dominação por ele definidos – tradicional, carismático ou legal – mas a compreensão de alguns aspectos do domínio weberiano de tipo carismático pode auxiliar-nos na compreensão do papel político do Padre. (WEBER, 1967)

Discutindo o sentido do carisma segundo Weber, quando se refere ao “carisma exclusivamente pessoal do líder”, sugere que aí existe uma vocação “em sua expressão mais elevada” (Idem, 1967). A partir daí, no próprio discurso religioso de vocação para aqueles que seguem o caminho da hierarquia secular da igreja, talvez encontremos uma tentativa da Igreja de desenvolver entre seus membros o sentido de liderança pelo carisma.

Afinal, as religiões já exercem sobre seus fiéis, enquanto instituição, uma dominação tradicional, com os ritos perpetuando hábitos e costumes que devem ser repetidos por seus seguidores, enraizando os valores religiosos. Atuando através de seus membros, de forma individual, a Igreja consegue se valer destas personalidades para exercer uma dominação carismática.

Ao exercer esse carisma, padres e outros membros da Igreja agem como aglutinadores da vida social. Como podemos ver nos diversos relatos presentes nas fontes, o carisma de Pe. Eustáquio levou seus fiéis a seguirem suas propostas de forma dedicada, sempre agindo de maneira a agradar e se colocar próximos a esse líder espiritual, que acaba por se tornar também importante força política e social.

Desde o início do trabalho paroquial de Padre Eustáquio, percebemos um direcionamento para a criação de estreitos laços entre os fiéis católicos e a Igreja, novamente presente com força na região. Segundos os relatos do livro “*Do Diamante ao Milagre da Fé: Romaria – ex Água Suja*”, ao iniciar os trabalhos como pároco responsável

no então povoado de Água Suja, o Padre se ocupou de estar presente diariamente na vida da comunidade, sempre caminhando pelas ruas e parando para conversar com os moradores.

Tal proximidade era fundamental para a criação de uma noção de que Padre Eustáquio era mais que um membro da Igreja, era um membro da comunidade. Voltando ao exemplo de Padre Cícero, Antônio Mendes da Costa Braga esclarece que parte da grande comoção ao redor do religioso cearense se dava pela noção dos romeiros de que ele era alguém acessível, alguém próximo da população, e não um sacerdote com aura de intocável. (2008, p. 173)

1.2 – Romaria (ex-água suja)

Para ter acesso a parte da história do antigo povoado de Água Suja, atual cidade de Romaria, recorreremos a duas obras, aqui tratadas como fontes: os livros “*Do diamante ao milagre da fé*”, escrito por Maria das Dores Damasceno, e “*Padre Eustáquio: seus primeiros passos no Brasil*”, cuja autora é Neid Emília de Oliveira Gontijo. Ambos os livros, escritos por moradoras de Romaria, são ferramentas fundamentais para acessar a maneira como Padre Eustáquio marcou os espaços da localidade.

Aqui cabe realizar uma importante discussão a respeito das obras utilizadas como fontes e não como bibliografia. Ambos os livros aqui analisados, são obras de pessoas ligadas emocionalmente aos fenômenos atribuídos a Pe. Eustáquio. Uma delas, Maria das Dores Damasceno, possui também fortes ligações com a política de Romaria, tendo ocupado os cargos de vereadora por dois mandatos, sendo inclusive Vice-Presidente e Presidente da Câmara Municipal, além de ter sido também Vice-Prefeita por dois mandatos. Ao analisarmos que a presença de Padre Eustáquio em Romaria se converteu em fator catalisador do turismo religioso, que só em 2014, mobilizou um contingente de 17,7 milhões de pessoas em todo Brasil, tornando-se certamente uma importante fonte de renda para o município, não parece absurdo acreditar que o livro busca promover a presença do religioso holandês como alguém de importância vital para o desenvolvimento do município. As análises aqui devem necessariamente enveredar pelos caminhos das políticas de memória, com a imagem do Padre sendo mobilizada para fins políticos e econômicos.

Sua estadia no interior do estado de Minas Gerais deixou profundas marcas que ainda hoje se fazem presentes. Na cidade de Romaria vemos a existência de uma avenida nomeada de Padre Eustáquio, além do grande destaque dado ao religioso holandês na página online⁷ do Santuário de Nossa Senhora da Abadia, localizada na cercania.

A região de Água Suja, situada entre o Triângulo Mineiro e a região do Alto Paranaíba, passou por processo de ocupação mais intenso a partir de 1867, com a descoberta de diamantes. Mesmo durante o auge da exploração diamantífera, sua população nunca se tornou muito volumosa, girando em torno de cinco mil habitantes no final do século XIX de acordo com o livro de Maria das Dores Damasceno. Segundo a autora, que em seu livro não apresenta fontes bibliográficas, ou registros de órgãos oficiais para referendar suas informações, a grande maioria dos moradores de Água Suja naquele período era advinda da exploração dos diamantes.

Fazendo a análise do livro “Pe. Eustáquio: seus primeiros passos no Brasil”, temos como extrair um importante simbolismo da forma como o padre holandês marcou sua presença na região.

Na página 20 do livro, vemos uma cronologia da história de Água Suja. Com o título “*Marcos de Água Suja - 1925 a 1935*”, este apanhado de datas marcantes de Água Suja nos revela importantes escolhas por parte de sua autora.

Simbolicamente, a primeira data marcante é a chegada dos padre holandeses ao Brasil, em 12 de maio de 1925 (época em que os padres sequer sabiam qual seria seu destino em terras brasileiras). A segunda data da cronologia é a chegada dos Padre Gil, Mathias e Eustáquio à Água Suja em 15 de julho de 1925.

É bastante sintomático que a autora, ao realizar uma cronologia dos “Marcos de Água Suja”, inaugure a contagem do tempo a partir da chegada dos padres dos Sagrados Corações. Não podemos encarar tal marcação temporal como algo ‘inocente’ por parte da autora. Existe aí uma intencionalidade, buscando marcar temporalmente a figura do Padre, entrelaçando-a com a temporalidade da própria localidade.

⁷ <http://www.senhoradabadia.com.br/artigo/beato-eustaquio>. Acessado em 26/10/2017 às 01:37.

Cidade e Padre assim se misturam de forma indissociável, com a ideia de que a 'fundação' do local, a existência daquele lugar, só teria passado a valer de fato com a chegada da comitiva de holandeses. Para François Hartog, no livro "*Regimes de Historicidade*", a forma como as coletividades humanas se relacionam com o tempo, como lidam com as diversas temporalidades, a maneira conforme elas experimentam o tempo, fazem com que as sociedades humanas sempre retornem ao passado, com cada uma sentindo essa relação de temporalidade de forma própria (HARTOG, 2013).

Tendo vivido a experiência da presença de Pe. Eustáquio no passado, aquele grupo humano passa a experimentar e a expressar seu tempo a partir da existência do religioso no espaço. Sem contar a história da presença de Pe. Eustáquio, não se torna possível para as pessoas que vivem dentro desta temporalidade própria, contar a história de sua cidade. Uma passa a não existir sem a outra.

Acredito que caiba aqui uma discussão a respeito do estatuto da memória sobre o Padre, buscando compreender a forma como essa memória foi determinante para criar identidades. Partindo da identidade criada em Romaria, fica mais fácil compreender as identidades geradas nas cidades de Poá e Belo Horizonte, onde processos parecidos de construção identitária ao redor do religioso holandês também ocorreram, ainda que com distinções.

Para o autor Joël Candau, no livro "*Memória e Identidade*", a identidade é uma construção social, de certa maneira sempre ocorrendo no quadro de uma relação dialógica com o outro. Candau faz a mesma operação em relação à memória: ela é, acima de tudo, uma reconstrução continuamente atualizada do passado, mais do que uma reconstituição fiel do mesmo. De acordo com Joël Candau, "a memória é de fato mais um enquadramento do que um conteúdo, um objetivo sempre alcançável, um conjunto de estratégias, um 'estar aqui' que vale menos pelo que é do que pelo que fazemos dele" (2014, p. 9). Aqui, Candau nos dá uma pista sobre a forma como a memória é algo que pode ser intencionalmente mobilizado, com sua real importância sendo seus usos mais do que a memória propriamente dita.

Ali na Catedral de N. S. da Abadia, em Romaria, vemos o primeiro local marcado pela presença de Pe. Eustáquio. A vida religiosa e a paisagem da cidade foram modificadas

a partir da presença do religioso. No livro “Do diamante ao milagre da fé”, vemos a referência clara da autora ao papel que é atribuído ao Padre pela construção da Catedral. A religiosidade da população facilita o processo de marcação dos espaços pelo Padre. Todas as propostas de modificação urbana levantadas pelo religioso são aceitas pela população e encaradas como obras divinas, realizadas através daquele homem santo que ali se encontrava.

Segundo Maria das Dores, “Sentindo crescer o movimento dos fiéis, Pe. Eustáquio entusiasmado, se propôs a construção do novo Santuário.(DAMASCENO, 1997. p. 68)”. O trecho nos mostra a maneira como o padre é sempre colocado como a figura central da construção. Nas passagens em que é contada a história da construção do novo Santuário de Nossa Senhora da Abadia, o livro sempre imprime ao padre todo o protagonismo pelo empreendimento. A forma como a frase no livro é construída, cria o sentido de que o erguimento de um novo santuário foi um desafio autoimposto pelo sacerdote, que desta forma iniciaria as grandes realizações de sua gestão à frente da Igreja de N. S. D’Abadia.

O episódio da construção do novo santuário em Água Suja também serve para nos mostrar a forma como o religioso se inseria na vida política da região. No início da década de 1930, a partir do movimento deflagrado por Getúlio Vargas para a tomada do poder, as obras do Santuário foram atingidas pelo bloqueio de estradas, impossibilitando a chegada dos materiais necessários.

De acordo com o relato de Maria das Dores em sua obra, sem dinheiro para concluir as obras e enfrentando as estradas obstruídas, Padre Eustáquio tomou a decisão de procurar ajuda junto aos fazendeiros da região. Ainda segundo o livro, “Léguas em redor, ninguém ficou surdo aos rogos do vigário: bezerros, porcos, cabritos e frangos foram doados par ao leilão e então se apurou o suficiente para continuar as obras até a próxima festa.”(Idem, 1997. p. 77).

A partir deste episódio, aparentemente a relação entre o padre e os fazendeiros se manteve estreita, com estes socorrendo as necessidades para a conclusão das obras do santuário. Na sequência da construção, “Enfrentando novamente dificuldades financeiras, Pe. Eustáquio reuniu os fazendeiros para falar sobre os mutirões. ” (Ibidem, p. 77).

Com os relatos de que teria grande dedicação aos pobres e doentes da região, Padre Eustáquio começou a ganhar reconhecimento dos fiéis da Igreja Católica, comovidos com o seu empenho e com suas cada vez mais conhecidas capacidades curativas. Rapidamente as notícias sobre seus supostos dons se espalham, transformando o sacerdote em uma pessoa notória para os adeptos da fé católica.

Mais uma vez, é possível traçar paralelos entre as histórias de Padre Eustáquio e Padre Cícero. Como as memórias relatadas pelos livros sobre o beato holandês deixam transparecer, aos poucos a população foi criando laços de confiança com o Padre, que assim passa a ser visto como importante ponto de apoio social pelos poderosos da região.

Tal como Padre Cícero em Juazeiro (BRAGA, 2008. p. 171), Pe. Eustáquio passa a atuar como mediador de conflitos entre a população, muitas vezes atendendo aos apelos dos poderosos e atuando como ponto de controle social sobre a população.

No livro *Pe. Eustáquio: seus primeiros passos no Brasil*, escrito por Neid Emília de Oliveira Gontijo, temos a reunião de relatos feitos sobre a vida e as curas promovidas pelo religioso durante sua estadia na antiga Água Suja. O livro, buscando se colocar como um registro das memórias do tempo de vida do padre entre os moradores do local, remete a diversas histórias que parecem fazer parte do imaginário das pessoas ali residentes.

A imagem de Padre Eustáquio está sempre sendo construída a partir de situações de grande interesse e preocupação com seus fiéis, além da promoção de curas e alívio espiritual a enfermos de toda natureza, promovendo ali a figura do homem santo. Dentre as diversas passagens do livro, destacamos a seguir, um referente a suposta cura promovida pelo padre em uma moradora de localidade próxima de Água Suja, dona Conceição Amâncio,

“A esposa do senhor Antônio Amâncio, dona Conceição, estava paralisada em uma cama, havia uns três anos, sem esperança de voltar a andar. Um dia, ficaram sabendo que, em Água Suja, havia um padre que estava curando pessoas. (...)

Na sala do casarão dos Amâncio, estava dona Conceição, sentada e amparada por alguns parentes e amigos. Preocupada, ela aguardava, com ansiedade, aquele momento tão esperado, quando entrou pela porta aquele homem alto, de olhar distante, e, ao mesmo tempo, uma intensa presença, que contagiou a todos que ali estavam. Pe. Eustáquio ergueu suas mãos, prontas para abençoar e curar, sobre a cabeça de dona Conceição e fez a seguinte oração: *Óh Jesus, pelo sangue que derramastes na cruz, pelas lágrimas de Vossa Mãe Santíssima, dai*

vista aos cegos, andar aos parálíticos, saúde aos enfermos e paz a todos que sofrem ou padecem.” (GONTIJO, 2010 p. 51-52)

Neste trecho vemos claramente a ação memorial da autora de buscar firmar Pe. Eustáquio como homem santo, como Padre Taumaturgo, que teria a capacidade de realizar curas milagrosas. Essa memória dos milagres serve como ponto de fixação da figura do padre ao local, buscando colar feitos ditos milagrosos a um espaço que passaria a ser considerado santo.

Continuando a história de D. Conceição, teremos uma referência direta ao livro bíblico de Mateus. No capítulo 9, temos a passagem bíblica em que Jesus cura um homem com as pernas paralisadas:

1. Jesus tomou de novo a barca, passou o lago e veio para a sua cidade.
2. Eis que lhe apresentaram um parálítico estendido numa padiola. Jesus, vendo a fé daquela gente, disse ao parálítico: "Meu filho, coragem! Teus pecados te são perdoados."
3. Ouvindo isto, alguns escribas murmuraram entre si: "Este homem blasfema."
4. Jesus, penetrando-lhes os pensamentos, perguntou-lhes: "Por que pensais mal em vossos corações?"
5. Que é mais fácil dizer: Teus pecados te são perdoados, ou: Levanta-te e anda?
6. Ora, para que saibais que o Filho do Homem tem na terra o poder de perdoar os pecados: Levanta-te - disse ele ao parálítico -, toma a tua maca e volta para tua casa."
7. Levantou-se aquele homem e foi para sua casa.

(São Mateus, 9 - Bíblia Católica Online. Grifos nossos). Disponível em: <https://www.bibliacatolica.com.br/biblia-ave-maria/sao-mateus/9/>

Na região de Água Suja, dona Conceição atravessa ritual parecido com o que se passa na história contada pela bíblia cristã,

“Terminada a oração, ele ficou em frente a ela e disse:

- Venha até a mim, dona Conceição.
- Não posso, minhas pernas estão fracas.
- Podes vir, sem medo.

Ela levantou-se, cambaleante, deu alguns passos e conseguiu ir até onde estava o Padre Eustáquio. (...) aquela jovem senhora, que, antes, estava impossibilitada, agora andava.” (GONTIJO, 2010 p. 52)

Analisando a passagem do livro sobre Padre Eustáquio, devemos tecer algumas ponderações. Inicialmente, trata-se de um livro de enaltecimento ao beato, tentando demonstrar a força de sua fé e de sua capacidade de cura. Além do mais, em uma cidade onde o catolicismo se faz tão presente e tão importante, e com o conhecimento sobre o conteúdo da bíblia, fica mais fácil de sobrepor suas lembranças com passagens do livro sagrado, ainda que de maneira não intencional.

Temos desta forma, uma evidente manifestação de elementos da religiosidade popular, conforme o sentido descrito na introdução desta dissertação. A religiosidade popular, enquanto elemento que quebra os ritos tradicionais da religião e se apropria da cultura para que a partir daí as pessoas expressem suas crenças, se manifesta na vontade do povo em ter o convívio com o padre santo. Esse padre milagreiro, que subverte a hierarquia eclesiástica, se colocando para as pessoas da região como o mais importante representante divino, possibilita à população a livre expressão de sua religiosidade.

Outro fator importante para a valorização da figura de Padre Eustáquio é a importância do turismo religioso para a cidade, hoje nomeada como Romaria. De acordo com Gontijo, utilizando dados retirados da *Revista Foco*, edição de 2008, passam todos os anos, entre 250 e 300 mil fiéis pelo Santuário de Nossa Senhora da Abadia. Ao valorizar Padre Eustáquio, a cidade valoriza também um importante ativo econômico.

Ainda segundo reportagem no site “Curta Mais”⁸, vemos novamente dados sobre o fluxo de fiéis que ainda hoje acorrem até a cidade de Romaria para as festividades do Santuário. A publicação, assinada por Adelina Lima, também reporta sobre a visita de 300 mil romeiros à cidade durante o mês de agosto, ao longo das festividades em homenagem à padroeira da região. Ao compararmos o volume de visitantes com o de habitantes da cidade, vemos uma discrepância que salta aos olhos. Segundo dados do IBGE de 2017, Romaria possui uma população de 3.644 pessoas.

1.3 – Poá

Após sua estadia no interior mineiro, Frei Eustáquio foi enviado para a cidade de Poá, no interior de São Paulo. Nesta localidade, sua fama de ‘*padre taumaturgo*’ ganha

⁸ <http://www.curtamais.com.br/uberlandia/lugar-de-fe-e-graciosidade-romaria-e-um-destino-especial-para-visitar-na-semana-santa-a-90-km-de-uberlandia>. Acesso em 04 de junho de 2018, às 19:31.

grande destaque graças a suposta ação curativa da água que brotava em uma gruta dentro do terreno da Paróquia Nossa Senhora de Lourdes. Para melhor explorar o potencial simbólico das curas realizadas por Padre Eustáquio, acredito que não pode haver melhor caminho que recorrer à Marc Bloch e seu livro '*Os Reis Taumaturgos: o caráter sobrenatural do poder régio. Franca e Inglaterra*'. Bloch resgata neste estudo a longa tradição europeia de acreditar que os reis, especialmente na Inglaterra e na França, possuíam o dom da cura divina pela imposição das mãos. Bastaria receber o toque mágico do rei, e feridas se curariam.

Inicialmente, é possível estabelecer um paralelo entre os rituais de cura dos reis e de Padre Eustáquio, através das expressões da religiosidade popular. Tais rituais de cura são processos mentais que surgem do fato de as pessoas, na falta de uma explicação mundana aos seus problemas, ou face ao descrédito da medicina, acabam por recorrer a uma explicação religiosa do mundo. Tanto na Europa do século XVIII, quanto no interior de Minas Gerais no século XX, temos sociedade profundamente marcadas pela religião católica. Tal contexto auxilia na compreensão de como essas religiosidades se tornaram tão potentes que criaram dons curativos em homens considerados excepcionais, sem necessariamente o ser.

Segundo relatos do jornal *Folha da Noite*, a procura pelas bênçãos do Padre ocorria em grande número, com cenas relatando um clima de euforia com a presença dos enfermos diante daquele que poderia supostamente realizar sua cura. O trecho abaixo nos auxilia na compreensão deste fenômeno,

“Muito se tem falado dos ‘milagres’ do padre de Poá. Frei Eustáquio – diz a voz do povo – cura todos os males. Faz os paralíticos andarem, como dá aos cegos o expresso dom da visão. Aos surdos-mudos permite ouvir e falar e, enfim, a todos os doentes concede a graça do restabelecimento físico.” (Folha da Noite de 06 de maio de 1941. Capa.)

Esta edição o jornal trás em sua matéria de capa uma reportagem sobre a comoção em torno da figura do Pe. Eustáquio em Poá. Sob a manchete “O que a “Folha da Noite” viu em Poá”, o jornalista Hermílio de Oliveira Pacheco faz um relato destacando a quantidade de pessoas (segundo a reportagem, haviam 10 mil pessoas na cidade para ver o Padre) e a variedade dos locais de onde essas pessoas vieram (destaca que existiam romeiros até do Ceará).

Principalmente, a reportagem traz um texto com tom bastante crítico aos eventos envolvendo Pe. Eustáquio em Poá. Sob o título “O poder da sugestão”, Hermílio de Oliveira traça semelhanças entre Pe. Eustáquio, Padre Cícero, a “Santa” de Bebedouro e o espírita Anésio Siqueira. Para o autor da matéria, todas as curas promovidas nestes casos ocorreram pelo poder da sugestão, não havendo a cura de fato das enfermidades. Vários são os casos de pessoas que retornam para casa no mesmo estado em que chegaram a Poá, mas os poucos casos de “sucesso”, junto da grande fé na figura de Eustáquio, segundo o jornalista, acabavam por amplificar bastante a força e a frequência dos milagres do padre, levando sua fama a vários recantos do país. O autor da matéria adota um tom crítico aos “milagres” feitos por supostos curandeiros. Aqui, novamente, vemos que o frenesi criado ao redor do Pe. Eustáquio encontra um forte respaldo nas religiosidades populares expressas em conjunto. As pessoas acreditam nos dons curativos do Padre pois assim desejam, afinal ele é encarado por muitos como a última esperança, e ninguém quer perder seu último fio de esperança em uma vida melhor, sem dores e sem enfermidades.

A matéria de capa do jornal traz ainda uma informação que poderia passar batida, mas que se mostra deveras relevante para o contexto do trabalho. De acordo com o jornalista, o número de barracas que se instalam ao redor da Igreja, no intuito de vender toda sorte de coisas aos romeiros, aumenta a cada dia. Segundo ele, “A julgar pela construção de novas barracas, na totalidade dos terrenos vazios do distrito, o aumento do número de romeiros faz o comércio local prosperar a olhos vistos”. O jornalista aproveita esse movimento comercial para tecer crítica à forma como as pessoas, e a Igreja aí incluída, tiram proveito financeiro do enorme movimento de pessoas indo ao encontro do padre milagreiro.

Na capa ainda temos, na parte lateral da folha, fotos ilustrando a matéria. Entre essas fotos, existe a seguinte legenda “... Dezenas de barracas como essas foram instaladas para vender refrescos, doces, pastéis, etc. ”. Esta rápida passagem mostra o início de um movimento econômico que passa a girar em torno da figura do padre milagreiro. Ressalta também um viés econômico que acompanha toda a trajetória de Padre Eustáquio, mesmo após a sua morte. Afinal, a fé é um grande negócio, com

idades e paróquias hoje ganhando muito com a exploração da imagem do Padre, tanto no Brasil quando fora do país.

É importante analisar a maneira como o Vaticano pareceu lidar com a popularidade de Padre Eustáquio no Brasil. Houve diversas tentativas escondê-lo do grande número de pessoas que buscavam suas bênçãos supostamente milagrosas. É possível ver na biografia oficial do Beato que é feita uma tentativa de qualificar as curas a ele atribuídas como fruto de seus conhecimentos farmacológicos:

Ao ministrar suas orientações pessoais ações curativas de enfermidades físicas Padre Eustáquio falava da disposição de Deus em curar as pessoas integralmente e, sempre que possível, indicava medicamentos naturais de aquisição fácil e uso seguro. Para tanto, seguia, com critério, as orientações medicamentais do "Manual de Medicina no Campo", um compêndio de medicina natural e de primeiros socorros que ele sempre carregava consigo (...). Com frequência, costumava-se vê-lo coletando folhas e raízes cujas serventias medicamentosas costumava testar em casa. Muitas pessoas que necessitavam de ajuda, na falta de farmacêutico ou médico, procuravam Padre Eustáquio. (Site do Vaticano - http://www.vatican.va/news_services/liturgy/saints/ns_lit_doc_20060615_eustaquio_po.html)

É interessante notar a diferença dos relatos nos dois últimos trechos destacados. Enquanto o jornal Folha da Noite se ocupa em enaltecer os dons curativos do Padre, o texto retirado do site do Vaticano parece retratar a situação das curas de Frei Eustáquio como fruto de seus conhecimentos na manipulação de plantas e outros remédios naturais. Para a doutrina católica, um santo vivo é um grande problema, enquanto um santo morto é um grande negócio.

Vivo, o Padre pode se tornar um agente político e social importante e eventualmente sair de controle, o que nos leva novamente ao exemplo de Padre Cícero. Morto, a Igreja passa a ter todo o controle do capital político e social construído em vida por Padre Eustáquio. De posse deste capital, é possível agir em prol de ganhos financeiros e políticos, colando a imagem do religioso nos locais e nas pessoas que desejar, além de capitalizar também nos movimentos do outro lado, de pessoas e locais buscando se colar à imagem do Padre.

Pensando em sua vida antes da chegada à Belo Horizonte, em 1942, temos ainda que perpassar parte de sua estadia em outras localidades do Brasil, sempre trazendo

consigo grande aglutinação de adeptos da fé católica, ansiosos pela benção do *'padre taumaturgo'*.

Conforme nos mostra a capa da edição de 06 de maio de 1946 do jornal Folha da Noite, a presença do Padre Eustáquio na cidade de Poá, no interior de São Paulo, fez surgir um intenso movimento de romeiros de todas as partes do Brasil. Devido à grande aglomeração de pessoas, conforme nos informa o jornal, surge no entorno da Paróquia Nossa Senhora de Lourdes um conjunto de barracas onde se realiza comércio principalmente de comida. Portanto, até mesmo a atividade econômica da região se modificou de alguma maneira pela presença do religioso holandês.

1.4 - A mídia e os lugares de memória

Na edição de 17 de julho de 1941, o jornal paulista Folha da Manhã mostraria a presença de Padre Eustáquio na cidade de Campinas, no interior de São Paulo. Por lá, Padre Eustáquio, referendado como o "Padre de Poá", teria abençoado a população da sacada de sua hospedaria, no Instituto das Missionárias.

A capa desta edição da Folha da Manhã retrata em foto Padre Eustáquio celebrando um missa. A nota sobre o padre, tem como manchete a sua estadia novamente na cidade de Campinas, e não deixa de ser curioso perceber que em meio a várias notícias sobre a 2ª Guerra, é encontrado um espaço de capa para noticiar sobre Pe. Eustáquio. A nota ainda destaca que a quantidade de fiéis indo ao encontro do Padre era tão grande, que obrigou o religioso a se retirar para o descanso.

Já no subtítulo da matéria, temos um dado curioso. A multidão de pessoas indo ao encontro do Padre foi tão grande, que o obrigou a tomar um rumo desconhecido em Campinas, como forma de evitar as grandes aglomerações. Segundo o jornal, "A afluência de crentes foi tão grande, que frei Eustáquio, para descansar, foi obrigado a tomar rumo ignorado - Dará novas benções". O aviso ao final parece ser uma forma de conter a população em sua busca pelo padre, garantindo que ele tornará a aparecer para atender a população.

A matéria, que tem prosseguimento na página 6, relata a chegada de Frei Eustáquio, cuja presença a Diocese de Campinas tentará esconder, de forma a evitar

tumultos nos locais onde o religioso estivesse. De acordo com a sucursal da Folha da Noite em Campinas, “A despeito do sigilo que a Diocese de Campinas procurou envolver a figura do famoso cura, a notícia correu célere pela cidade, tanto assim que milhares de pessoas acotovelaram-se nos prováveis lugares que ele deveria visitar. ”

O trecho acima demonstra claramente a intenção da Igreja Católica de Roma em esconder Padre Eustáquio após seus anos de grande notoriedade em Poá. A decisão da Igreja pode ter vários motivos atrelados, mas inegavelmente a presença de um padre milagreiro vivo entre os fiéis católicos era mal vista pela cúpula da Igreja. Pode passar também pelo medo de que a fé seja desacreditada a partir da desmistificação de tais “milagres”.

Essa passagem demonstra a relevância que Padre Eustáquio atingiu durante sua estadia na cidade de Poá, o que é demonstrativo do interesse que sua imagem atraía sempre que se movimentava dentro do Brasil. Sua estadia em várias cidades como Campinas e Rio de Janeiro, por exemplo, causavam grande comoção popular.

Já a estadia de frei Eustáquio na capital carioca é retratada na edição de 08 de julho de 1941 da Folha da Noite, em matéria de capa. De acordo com a reportagem assinada pela sucursal do jornal no Rio de Janeiro, Frei Eustáquio se dirigiu à cidade, onde se hospedou na Matriz de Santa Margarida Maria, na Lagoa Rodrigo de Freitas.

O texto da reportagem destaca a todo momento a multidão que cerca o religioso ao final da missa, com pessoas afetadas por todo tipo de enfermidade buscando sua benção, como podemos ver no trecho a seguir,

Quando frei Eustáquio terminou o santo ofício da missa a assistência aumentou extraordinariamente, pois começaram a chegar automóveis, dos quais desciam doentes, uns carregados, outros se arrastando, amparados por parentes ou amigos, outros ainda sentindo dores e sendo transportados em maca. Pouco a pouco, aquele estabelecimento de ensino, que havia aberto as portas para acolher a massa popular, tinha repleta, por uma verdadeira multidão, tanto a sua capela quanto as dependências adjacentes. Os presentes, na maioria senhoras, senhoritas e crianças, trazendo garrafas e vidros contendo água para ser benzida, e outras pessoas que esperavam a cura de seus males, emprestavam ao ambiente um aspecto deveras emocionante. (Folha da Noite, 08 de julho de 1941 – Capa)

Em sua visita ao RJ, Pe. Eustáquio realizou missa no Colégio Sion as 06:30 da manhã. O jornalista responsável pela matéria – nitidamente mais empolgado pela

presença do Padre do que seu contraparte paulista – relata assim a audiência da missa de Padre Eustáquio: “O ofício foi acompanhado por número regular de fiéis, entre os quais figuravam alguns enfermos, parálíticos, cegos, surdos-mudos, aleijados, etc.”.

A empolgação do repórter com a presença do famoso Pe. Eustáquio em terras cariocas pode ser assinalada coma primeira frase da matéria, quando diz “Padre Eustáquio, que realizou em Poá, no estado de S. Paulo, curas surpreendentes, está no Rio há vários dias, tendo se hospedado na matriz de St. Margarida Maria, na Lagoa Rodrigo”.

Se não denota propriamente empolgação, decerto deixa transparecer uma credulidade maior deste repórter em relação aos supostos milagres de Padre Eustáquio, se comparado ao jornalista Hermílio de Oliveira, da matriz da Folha em São Paulo, que desde o princípio deixa clara a sua descrença quanto aos dons curativos de Pe. Eustáquio

A notícia claramente cria um ambiente mais favorável a Pe. Eustáquio, mostrando-o como um homem dotado de grande reconhecimento popular. Sua estadia no Rio provocou mais uma vez enorme comoção, visto que após o fim da missa, como relatado pelo jornal, foi vista grande aglomeração de pessoas nas dependências do Colégio Sion, com muitos enfermos buscando a salvação através de Frei Eustáquio. Ao longo da matéria, o jornalista da Folha da Noite ainda relata casos de supostas curas realizadas por Pe. Eustáquio.

Ao final de sua passagem, não sendo possível abrigar todos os enfermos para dar-lhes a benção, é oferecido ao padre pela senhora Bezansoní, o terreno de sua casa, onde com mais espaço o Padre atende a uma quantidade maior de casos. Afinal, em nota no fim da reportagem, o jornalista especula que a viagem do Padre para a capital do Brasil pode não ser bem vista por seus superiores.

De acordo com ele, “A publicidade feita em torno de seus milagres, dizia-se que até mesmo no Colégio das Laranjeiras curara vários paralyticos – creou para ele, como em São Paulo, uma situação incomoda. ” E prossegue com a sentença: “Pela

madrugada de hoje, apurou a reportagem, Frei Eustáquio seguiu para (ilegível) de onde provavelmente não regressará mais a esta capital. ”

Vale ressaltar que durante este período de estadia no Rio de Janeiro, Padre Eustáquio e seu fator aglutinador, reunindo multidões ao seu redor, quebra a rotina dos rituais católicos da cidade. Sua presença modifica a teia das relações, com ele se tornando momentaneamente a figura religiosa de maior prestígio da cidade.

No mesmo 08 de julho de 1941, na edição vespertina do jornal *O Globo*, temos a notícia na página 3 que dá conta da passagem do famoso vigário pela capital do Brasil. Sob a manchete “Frei Eustáquio deixou o Rio”, o jornal dá conta da movimentada agenda que o padre enfrentou em sua estadia em terras cariocas, com missas sempre abarrotadas de fiéis.

É curioso notar que tanto a notícia dada pela sucursal carioca da Folha da Manhã, quando a divulgada pelo jornal *O Globo*, terminam da mesma forma. De acordo com a reportagem d’*O Globo*, “A publicidade em torno dos seus milagres - dizia-se que ali mesmo, no colégio das Laranjeiras, curara vários paralíticos - criou para ele, tal como em S. Paulo, uma situação desagradável. ” O texto jornalístico termina com a sentença, “E, pela madrugada, segundo estamos informados, Frei Eustáquio seguiu para Corrêas, de onde, provavelmente, não mais voltará ao Rio.”, o que de fato aconteceu.

É interessante observar como as notícias criam uma situação em que a aglomeração de pessoas ao redor do Padre parece ser um problema para este. O relato dá conta de uma situação desagradável que foi criada para o padre em razão do grande número de pessoas indo atrás de suas bênçãos. Esse desagrado pode ter várias leituras, desde os problemas que poderia gerar com a hierarquia da Igreja Católica, que o queria afastado das funções paroquianas, até o atrito com outros religiosos da cidade, que poderiam estar incomodados com a presença de alguém que estaria a lhes ofuscar.

Longe de acreditar que Padre Eustáquio fosse isento da grande repercussão em torno de seu nome, não deixa de constituir fato de análise o fato de vários relatos o retratarem como alguém que não tinha apreço pela fama gerada pelos supostos dons. Fica a impressão de um membro da Igreja que não pretendia desagradar seus superiores

por medo de perder o direito à batina, ou de alguém que seguia o caminho de pregar a humildade, o que lhe conferia um certo ar ainda mais sagrado, próximo mesmo da figura bíblica de Jesus Cristo.

No entanto, mesmo antes de sua chegada de fato ao Rio, existe uma discussão sobre o destino de Eustáquio. Em edição do dia 14 de maio de 1941, “O Globo” se pergunta “Afim, onde está Frei Eustáquio?”. Nesta pequena nota, o jornal se mostra curioso, afinal é considerado “Misterioso o paradeiro do sacerdote a quem se atribuem verdadeiros milagres.”.

O jornal explora a informação obtida de que o destino de Pe. Eustáquio seria a cidade do Rio de Janeiro, vindo de transferência da cidade de Poá, no estado de São Paulo. Mais adiante, no dia 20 de junho de 1941, a edição do jornal aponta “Ficará em S. Paulo o padre Eustáquio”. No corpo da notícia, temos um importante indicativo de como foi a vida do religioso nesta fase de transição entre Poá e Belo Horizonte,

S. PAULO, 20 (A. N.) - Noticia-se que o padre Eustáquio, a quem se atribuem inúmeros milagres, permanecerá nesta capital numa casa que está sendo adaptada em Vila Prudente, para hospedá-lo. Enquanto se procede à adaptação, padre Eustáquio visitara enfermos e instituições hospitalares e beneficentes. Depois permanecerá em Vila Prudente, de onde sairá duas vezes por semana, apenas, afim de atender a chamados de doentes.

Este trecho é fundamental para traçar de forma clara a maneira como a Igreja lidou com os supostos milagres do padre em Poá. A partir do momento que o movimento começou a crescer de forma a arriscar o surgimento de um santo vivo, de alguém que pudesse se tornar uma espécie de Messias para uma população carente e adoecida, a administração da Santá Sé opta por retirar Eustáquio de cena. Para manter o mito vivo, promove aparições relâmpago em algumas cidades, como no Rio, em Campinas e em São Paulo.

A partir do momento em que a Igreja passa a intervir na relação do religioso com a população, seus horários passam a ser rigorosamente controlados. Sempre que se fala em uma aparição de Pe. Eustáquio, entre sua saída de Poá e a chegada a Belo Horizonte, vemos que ele deve obedecer a uma agenda pré-determinada pelos superiores dos Sagrados Corações, realizando missas e atendimentos em locais e horários fixos.

Desta forma, conseguimos compreender que a figura de Padre Eustáquio encontrou uma grande popularidade junto aos seguidores da Igreja Católica no Brasil. Tal reconhecimento lhe permitiu transitar por diversas localidades da região sudeste do país, sempre atraindo grande atenção. O peso de sua imagem certamente garante grande repercussão também a sua Congregação, fortalecendo sua posição frente à igreja no Brasil.

Após passar dezessete anos no Brasil, indo do interior de Minas Gerais para o interior de São Paulo, além de realizar visitas esporádicas em cidades como Campinas e Rio de Janeiro, Eustáquio von Lieshout reuniu enorme reconhecimento em torno de seu nome.

Sua presença em diferentes localidades é sempre motivo de atenção da mídia e da população, com uma grande aglomeração de pessoas seguindo seus passos. A fama de Padre Taumaturgo o precede em todos os lugares por onde passa.

Faz-se notar ainda, a forma como sua fama se espalhou pelo Estado de São Paulo, e dali para outros cantos do Brasil. Em 1942, o time de futebol do Palestra Itália⁹ realizou um período de treinamentos na cidade de Poá, visando a reta final do campeonato Paulista de futebol daquele ano.

O prestígio de Pe. Eustáquio junto à população de Poá se fazia tão presente e forte, mesmo após sua saída, que o time de futebol acabou por “adotar” o religioso como seu mascote e amuleto da sorte para os últimos jogos do campeonato. Em passagem da edição 700 do jornal *Il Moscone*, vemos claramente a relação que se cria entre clube de futebol e Padre:

A linha andava tonta e a família não sabia, e a defesa, então, começou a dar duro, para não perder o caminho da vitória. O único que ficava, belo e formoso, tranquilo como um caipira do mato, foi o Oberdan, que tirava bolas de todos os geitos (sic) benzendo-se e elevando orações ao Padre Eustáquio pelos milagres que permitia que êle (sic) realizasse.

Vale frisar que o jornal *Il Moscone*, de acordo com a professora Márcia Rorato, da Universidade Estadual de Londrina, tratava-se de um semanário de cunho humorístico

⁹ Poucas semanas depois, o time mudaria seu nome para Palmeiras, por determinação do governo de Getúlio Vargas. A mudança é noticiada no jornal *Il Moscone*, de 1942, edição número 00700 Pág.3, consultado no site da Biblioteca Nacional

nascido sob o signo fascista, como uma forma de comunicar à comunidade italiana de SP sobre os ideais do Fascismo Italiano, tendo inclusive recebido patrocínio do Consulado da Itália no Brasil pra continuar em circulação. (RORATO, 2009)

Na mesma edição de número 700 de Il Moscone, vemos uma pequena charge que retrata de forma bem humorada a relação estabelecida entre Palestra Itália e Padre Eustáquio, como demonstra a imagem abaixo,,



Figura 1: aqui vemos charge com clara referência a Padre Eustáquio, o “Santo de Poá”. (Il Moscone, ed. 700. 1942) – corte da imagem feito pelo autor.

Na charge, dois homens de terno conversam a respeito do jogo do Palestra Itália na cidade de Santos. Aproveitando-se da estadia do time do Palestra em Poá, cidade marcada pela figura de Padre Eustáquio, o autor da charge faz um trocadilho com os milagres do religioso e o nome da cidade, atribuindo a ele um caráter de santidade. Vemos, portanto, uma inserção cultural da imagem do Padre, que mesmo já tendo deixado a cidade, é o tempo todo referido pelo jornal Il Moscone como o Padre de Poá. As marcas que deixou são indeléveis e profundas.

1.5 – Chegada a BH

Em Belo Horizonte, movimento parecido parece ter ocorrido, com o aumento do comércio da região servindo como elemento que auxilia na fixação do entorno da Igreja de Padre Eustáquio como o centro comercial das vilas operárias que posteriormente se uniram para formar o bairro Padre Eustáquio.

Ainda que curta, a passagem de Eustáquio von Lieshout pela capital de Minas foi intensa. Sua vivência junto aos moradores das diferentes vilas que compunham o cenário urbanístico da região serviu como elemento aglutinador. Sua presença inicia um processo de unir estas pessoas em torno da ideia de pertencer a um mesmo local. Como um buraco negro que tudo suga, Padre Eustáquio atraiu para orbitar ao seu redor as massas populares da região noroeste de Belo Horizonte.

Com a sua vinda à Belo Horizonte, a situação não foi diferente. Ainda que os jornais da capital mineira não tenham feito grande alarde de sua chegada, a população e a própria imprensa logo descobrem que a presença do religioso não passaria despercebida.

No dia 07 de abril de 1942, chega a Belo Horizonte o Padre Eustáquio von Lieshout. Vindo da cidade mineira de Ibiá, onde residia nos últimos meses, o padre foi enviado pela Congregação dos Sagrados Corações para BH com o objetivo de fundar e fomentar o crescimento da primeira paróquia da congregação na capital do estado.

Sua chegada, ainda que viesse de temporadas de grande mobilização popular em sua volta nas cidades de Campinas e Rio de Janeiro, não atraiu o interesse da imprensa belorizontina. Como relata a biografia oficial do padre, disponível no site do Vaticano, Eustáquio von Lieshout

“Chegou na capital mineira sem alarde, já que era nacionalmente venerado como santo e taumaturgo. Porém, a despeito da discricção, logo nos primeiros dias muitas pessoas o procuraram pedindo bênçãos e curas, na capela Cristo Rei, no bairro Celeste Império.” (Site do Vaticano)

A estadia na capital mineira se deu na região das vilas operárias Celeste Império e Progresso. A Capela Cristo Rei, sede da Paróquia que acabara de assumir, localizada na antiga Estrada para Contagem, ficava distante do convento dos frades franciscanos, onde se hospedavam os membros da Congregação dos Sagrados Corações de Jesus e

Maria. Devido à distância, alugou uma casa nas proximidades da capela, ficando por consequência mais próximo também da comunidade da igreja.

Após a saída da cidade de Poá, Padre Eustáquio teve um curto período de estadia nas cidades mineiras de Ibiá e Araguari. O objetivo da Igreja Católica ao retirar o Padre de Poá era preservar sua imagem e afastá-lo da enorme massa populacional que o procurava interessada nos supostos milagres atribuídos ao religioso. Conforme sua biografia oficial, consultada no site oficial do Vaticano,

Com o passar do tempo, os fiéis começaram a levar para a igreja garrafas de água para ser abençoadas. Com a notícia de fatos referentes a bênçãos do Padre Eustáquio seguidas de curas, o aglomerado de pessoas começou a aumentar em Poá. Por causa do transtorno, foi enviado para Araguari e ficou um tempo em reclusão, mantendo comunicação por carta com outras pessoas, principalmente seu amigo Padre Gil. (Site do Vaticano. http://www.vatican.va/news_services/liturgy/saints/ns_lit_doc_20060615_eustaquio_po.html. Acesso em 04 de junho de 18, às 19:38.)

A cidade de Belo Horizonte, surgida sob o signo da modernidade, assistiu desde o princípio a grandes disputas políticas sobre sua representação como imagem de um regime que se iniciava e sobre seu desenvolvimento urbano.

A constante busca por modernizar a cidade esbarrava em alguns momentos na resistência da própria população. Muitos não estavam habituados a assistir a obras vultuosas sendo realizadas e a rápida expansão do desenho urbano levou a um certo desconforto da população em relação as mudanças.

Segundo a autora Vera Chacham, em seu texto “*A memória urbana entre o panorama e as ruínas: a rua da Bahia e o ar do Ponto na Belo Horizonte dos anos 30 e 40*” (CHACHAM, 1996), parte dessa característica da capital mineira, dessa busca por modernidade, seria fruto de uma “*Transitoriedade Permanente*”, conceito desenvolvido por Carl Schorske. (SCHORSKE, p. 68. 2000)

Belo Horizonte é a cidade criada para ser moderna, e que, portanto, sofre com a transitoriedade temporal e de significados típica do século XX. Lugares de referência são destruídos e posteriormente reconstruídos sobre novas bases. Desta forma, acredito, podemos pensar a velocidade com que as transformações urbanas ocorrem na capital.

No entanto, entendemos aqui que tal velocidade de mudanças não necessariamente representa uma espécie de desprendimento da população em relação ao antigo, àquilo que está sendo substituído. Pelo contrário, muitas vezes a população acaba por se sentir à deriva em meio a tantas mudanças e desenvolve um sentimento de nostalgia com o passado.

Analisando a história de Belo Horizonte, percebemos um apreço especial do poder público municipal pelas grandes mudanças na paisagem urbana. Os períodos que separam uma geração de outra, de maneira geral assistem a grandes modificações das paisagens da cidade, com grandes obras viárias recortando e até mesmo silenciando partes de BH.

No entanto, o fim desses lugares não se dá por questões ingênuas, como o avanço inexorável da cidade contemporânea. Os lugares a serem destruídos fazem parte de um processo de escolha. De acordo com Vera Chacham,

“No nosso entender, o fim dos lugares em questão ocorre preventiva, precoce e também desmedidamente: têm fim os lugares considerados inadequados para a metrópole que deveria ser a capital.” (CHACHAM, 1996)

Tais locais, ao se tornarem indesejados, são facilmente repostos por novos locais que construirão novas memórias e novas redes de sociabilidade. Assim como os espaços, as figuras públicas também poderiam representar tais mudanças nas teias sociais e de memórias, inclusive com uma velocidade tão grande quanto a imposta pelas obras. É aí que entra a ligação do Padre Eustáquio von Lieshout com a capital mineira.

Sua presença na cidade representou, sobretudo, a criação de novos espaços de socialização e de memória para os moradores da região noroeste de BH. Através da estadia na Vila Celeste Império, Eustáquio von Lieshout estabeleceu as bases fundamentais para a transformação definitiva da região.

Sua popularidade era enorme entre os habitantes da cidade, o que se pode depreender a partir da análise de jornais belorizontinos, como podemos ver na edição 3059 do jornal “*Folha de Minas*” do dia 31/08/1943, publicado um dia após a morte do Padre:

“A Consternação do Povo: Belo Horizonte recebeu com a mais viva emoção a notícia da morte de Padre Eustáquio. Poucas figuras do clero conseguiram até hoje na Capital, popularidade tão espantosa”. (Folha de Minas, 31/08/1943 – Ed. 3059)

O nome de Padre Eustáquio era reverenciado pela população como alguém que se preocupava com as necessidades dos doentes. Sua imagem de ‘*padre taumaturgo*’ o

acompanhava e transformava a vida em seu entorno pela capacidade aglutinadora que possuía, como podemos ver no trecho abaixo,

“Os jornais, mais de uma vez, se referiram à romaria diária à porta da casa que habitava, à expressão triunfal que tinham, à sua chegada, todos aqueles que permaneceram horas e horas à sua porta à espera de sua chegada.” (Folha de Minas, 31/08/1943 – Ed. 3059)

Se a chegada do Padre inicialmente buscou obedecer às regras da Igreja Católica, tentando mantê-lo longe dos holofotes, sua presença rapidamente foi notada pela população que passou então a se apresentar de forma cada vez mais volumosa à porta da Capela Cristo Rei, dando início a processo irreversível de comunhão entre a cidade e a imagem do religioso.

CAPÍTULO 2 – O Padre na/da cidade: BH e o ‘Padre Furacão’

É curioso analisar o período de estadia de Padre Eustáquio na cidade de Belo Horizonte. Afinal, o senso comum propaga entre os habitantes de BH a noção de que Padre Eustáquio foi uma figura de profunda e duradoura presença na capital. Muitos cresceram ouvindo durante suas vidas coisas como “Sua avó foi na Igreja do Padre Eustáquio”, ou conviveram em ambientes em que a presença do padre se fazia por meio de um quadro com sua foto, artigo bastante comum na casa de pessoas muito religiosas da cidade. Particularmente, me lembro da casa da minha avó, onde coexistiam lado a lado uma imagem do Papa João Paulo II e outra do Padre Eustáquio, devidamente penduradas acima do altar para Nossa Senhora Aparecida.

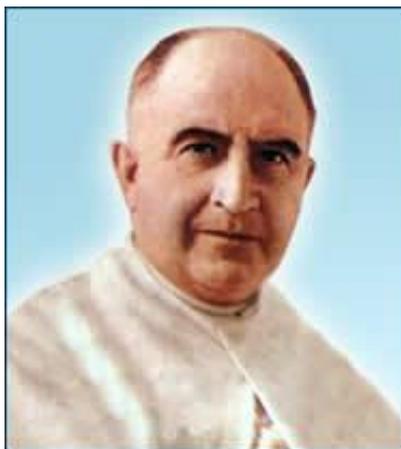


Figura 2: Imagem de Padre Eustáquio, bastante comum em casa belorizontinas. Fonte: <http://www.poa.sp.gov.br/turismo/padre-eustaquio>. Acesso em 03 de junho de 2018, às 20:45.

Outro indicativo da forte presença de Pe. Eustáquio junto à população belorizontina, está nos nomes das pessoas. Em geral, pessoas por volta dos 50 anos de idade cujo nome é Eustáquio, ou que carrega Eustáquio no nome de alguma forma, tem uma ligação de homenagem ao padre famoso.

No presente capítulo, abordaremos a passagem de Padre Eustáquio por Belo Horizonte, desde sua chegada em 1942, até sua morte em 1943. Também pretendemos compreender melhor suas ligações com Juscelino Kubitschek, à época ainda Prefeito de Belo Horizonte, tentando entender melhor a forma como o Padre agiu politicamente e como se relacionou com os poderosos em troca de benesses do Estado.

2.1 – 15 meses

Dentre as questões centrais que permeiam este trabalho, uma das que sempre gerou inquietação foi: como um padre que passou apenas 15 meses na cidade, se tornou nome de bairro e referência da fé católica para seus habitantes? Esta é uma das principais investigações que Pretendemos realizar neste ponto da dissertação.

. De que forma um Padre, falecido a 75 anos, consegue mobilizar ainda uma memória social tão potente, a ponto de continuar determinando a maneira como as pessoas que vivem orbitando ao redor do Santuário da Saúde e da Paz expressam sua religiosidade. Mais que isso, esta religiosidade se faz tão presente, que ajuda a determinar os hábitos e modos de vida das pessoas.

Na busca por compreender essas questões, não podemos deixar de destacar a importância que a memória possui em garantir permanências e esquecimentos que fundamentam a formação de identidades, de acordo com aquilo que pressupõe Joël Candau na obra *Memória e Identidade*.

Nesta obra, Candau estabelece uma noção de identidade que seria consensual entre os pesquisadores das ciências humanas: a identidade é uma construção social, de certa maneira sempre acontecendo no quadro de uma relação dialógica com o outro. O autor faz o mesmo em relação à memória, destacando que ela é, acima de tudo, uma reconstrução continuamente atualizada do passado, mais do que uma reconstituição do mesmo.

As memórias, portanto, não seriam como um arquivo gravado em um HD de computador, que fica ali guardado e pronto para ser usado. A memória é muito mais a construção (ou a reconstrução) de um passado, do que a reprodução fiel desse passado. Essa construção passa por nossos sentimentos e desejos.

Desta maneira, a memória serviria como uma espécie de antídoto às identidades frágeis, criadas pela '*crise do presentismo*', que destrói referências e identidades. O homem olha o passado em busca de pedaços daquilo que já foi, criando desta forma uma nova imagem que o ajuda a encarar o presente. (CANDAU, 2014)

A busca pelo conhecimento do passado, pautado pela memória, possibilita a construção de uma identidade. Tal lógica vale para os indivíduos, mas também se aplica a grupos sociais mais abrangentes. A memória, ainda que receba o tratamento dos historiadores, é uma das pedras fundamentais que assentam a união social de grupos humanos e mesmo de nações. (Idem, 2014)

No bairro Padre Eustáquio vemos a existência de um grupo social que possui certa coesão, muito em função da memória em torno do Padre que dá seu nome ao local. Essa memória, presente como uma espécie de névoa que permeia os moradores das mais diversas idades, faz com que exista uma identidade comum, que os referencia como pertencentes àquela comunidade.

O Santuário da Saúde e da Paz, popularmente conhecido como Igreja do Padre Eustáquio, é hoje o principal lugar de memória do bairro. Ela atende ao propósito de servir como uma peça central das relações sociais entre os moradores. Os grupos de jovens da paróquia reúnem pessoas de todas as partes do bairro, com diferentes níveis socioeconômicos e com interesses diversos. No entanto, sua atração se dá pelo poder de aglomerar pessoas e gerar reconhecimento na comunidade.

A centralidade social de que goza a igreja, é fundamental para a manutenção da memória sobre o Padre, ao mesmo tempo em que é fundamentada pela memória sobre o Padre. Mas mesmo com a igreja ocupando este espaço central nas operações e memória do bairro, esta operação vai muito além dela.

Para Maurice Halbwachs, a memória age na formação de nossa identidade através de lembranças que guardamos de cada época de nossas vidas. Desta maneira, a identidade seria construída por uma representação contínua dessas lembranças, criando um sentimento de pertencimento a um grupo. É através da memória que as identidades coletivas se criam. (HALBWACHS, 2004.)

Os moradores do bairro Padre Eustáquio buscam na imagem do Beato o registro memorial de que necessitam para a criação de um grupo coeso. A construção de uma identidade passa pela escolha do que será lembrado e incluído no registro memorial, assim como passa também pelo processo de seleção aquilo que será esquecido.

No caso de Padre Eustáquio, é feita sempre uma escolha de se lembrar dele com a imagem de homem santo, que lhe foi atribuída ainda em vida e reforçada após a sua morte. O padre que realiza milagres é a única representação feita sobre ele, desvalorizando quaisquer outros possíveis aspectos de sua personalidade. Segundo Candau, “Nunca devemos esquecer que a memória, por existir num tempo onde os acontecimentos já se passaram, é manipulável.” (CANDAU, 2014)

2.1.1 – O início em BH

A chegada de Padre Eustáquio à Belo Horizonte fugiu completamente do padrão visto em suas chegadas a outros locais. Conforme já visto neste trabalho, enquanto existe farto material jornalístico sobre suas visitas a cidades como Campinas ou Rio de Janeiro, bem como a cidades do interior de Minas e de São Paulo, a sua chegada à capital mineira não possui grandes registros.

Seguindo à risca os planos traçados por ele pela Igreja Católica, que desejava um padre mais recluso e que não despertasse tanto alarde com sua presença, Padre Eustáquio é transferido para BH em 07 de abril de 1942. Existe um silêncio da imprensa a respeito de sua chegada. Esta falta de registros jornalísticos, ao invés de nos apontar dificuldades para a realização do trabalho, na realidade ajuda a corroborar a ideia de que sua vinda para Belo Horizonte foi planejada para mantê-lo na ativa com suas atividades pastorais, mas sem que sua presença gerasse a enorme comoção gerada nos anos anteriores.

Esse silêncio da mídia nos aponta que as medidas tomadas pela Igreja Católica, desde a saída do Padre da cidade paulista de Poá, no sentido de escondê-lo das multidões que procuravam seus supostos dons curativos, funcionaram relativamente bem.

Relativamente, pois mesmo com uma chegada de pouco alarde, em poucas semanas a notícia sobre sua chegada se espalhou pela cidade, levando uma massa cada vez maior de pessoas a procurar pelo “Padre Milagreiro” na região da ex -Colônia Carlos Prates.

2.2 – JK

Tentaremos analisar a utilização política da figura do religioso, pois acreditamos que a criação do bairro Padre Eustáquio atende também a interesses políticos. O enorme

reconhecimento de que gozava Padre Eustáquio, com supostos poderes de cura, foi responsável por promover uma grande euforia em torno de sua chegada à capital mineira.

Tal comoção certamente não passou despercebida pela classe política da cidade, especialmente na figura de Juscelino Kubitschek (JK), prefeito de BH entre 1940 e 1945 - justamente no período de estadia do religioso – que utilizou da imagem de padre Eustáquio para a promoção política. Este assunto também será abordado neste terceiro capítulo.

A partir da movimentação social em torno da figura de Frei Eustáquio, iniciou-se rapidamente um processo de aproximação entre políticos mineiros e o religioso. Tal ligação é fácil de ser percebida quando vemos que o terreno da Igreja dos Sagrados Corações, popularmente conhecida como Igreja do Padre Eustáquio, teve seu terreno doado pela Prefeitura de Belo Horizonte através de decreto lei expedido pelo então prefeito nomeado da cidade, Juscelino Kubitschek de Oliveira.

Associar sua imagem como político à figura de um religioso tão prestigiado pelos adeptos da fé católica, em um país com maioria da população ligada a esta religião, provavelmente foi um objetivo para JK e para outros políticos de Minas Gerais à época. Na realidade, ainda hoje vemos a cada eleição uma grande quantidade de candidatos a cargos legislativos em MG buscando a ligação de seus nomes à Igreja de Padre Eustáquio¹⁰.

A estreita ligação entre políticos e a figura do religioso holandês acabou por ser determinante para o encaminhamento da doação do terreno da Paróquia dos Sagrados Corações, além de suscitar uma série de homenagens a Padre Eustáquio e de facilitar a promoção das antigas vilas operárias à condição de bairro.

Por meio da análise de decretos lei e de leis do município de Belo Horizonte, bem como de jornais, tentaremos demonstrar o processo de construção do bairro dentro da conjuntura política da cidade e como o seu desenvolvimento proporcionou melhorias

¹⁰ A procura de políticos por ligarem suas candidaturas a Padre Eustáquio é tão grande que em anos de eleições, ao longo das missas realizadas na Paróquia dos Sagrados Corações em BH por ocasião do Dia de Padre Eustáquio, os membros da igreja avisam regularmente aos fiéis que a paróquia não apoia oficialmente nenhuma candidatura.

urbanas para a região e seus moradores, dotando o Bairro Padre Eustáquio de importante infraestrutura urbana.

A produção bibliográfica existente sobre a cidade de Belo Horizonte atinge um grau quantitativo e qualitativo que permitem sua afirmação como tema de pesquisa histórica de alta relevância. Ao entendermos que o objeto ora estudado é uma cidade, viva, que necessita conhecer seu curto passado para compreender melhor aonde pretende chegar, esse destaque torna-se ainda maior.

Contudo, os trabalhos sobre regiões situadas fora do cinturão da Avenida do Contorno, cujo interior foi pensado como primeiro perímetro urbano de Belo Horizonte, ainda se fazem necessários, tendo em vista que geralmente a atenção do poder público e do meio acadêmico sobre a cidade recai em regiões situadas dentro deste limite.

Dentre os trabalhos que se lançam sobre as regiões suburbanas de Belo Horizonte merece destaque a tese de Doutorado defendida em 2006 por Tito Flávio Aguiar no Programa de Pós-Graduação em História da UFMG, com o título *Vastos Subúrbios da Nova Capital: formação do espaço urbano na primeira periferia de Belo Horizonte* (AGUIAR, 2006).

No trabalho, o autor problematiza como se deu a ocupação das áreas suburbanas da nova capital, desde a fundação da cidade em 1897 até os anos 1930 com a tentativa do poder público de criar normas para o seu crescimento até então desordenado:

“Com o crescimento de Belo Horizonte, ao longo dos anos 1920 e 1930, a formação dos espaços da primeira periferia da cidade se fez de três diferentes modos. Bairros implantados na zona suburbana da cidade nos termos do plano de Aarão Reis foram transformados pelo adensamento e pela subdivisão dos grandes lotes suburbanos. Espaços rurais das antigas colônias agrícolas foram convertidos em espaços suburbanos a partir da divisão dos lotes coloniais. Finalmente, o parcelamento de glebas na zona rural deu origem a vilas periféricas, sem infraestrutura urbana, fora dos limites da área destinada em 1895 à Cidade de Minas. Nos anos 1920, o crescimento da cidade se fez desordenadamente, atendendo a interesses privados e sem controle da municipalidade. Surgiram, então, as demandas por mecanismos de gestão que ordenassem o crescimento urbano. Nos anos 1930, retomou-se o processo de planejamento da cidade, ainda que em bases pouco consistentes e já sem articulação com os projetos de modernização regional que continuaram a ser promovidos pelo governo mineiro”. (AGUIAR, 2006)

Mesmo sendo um trabalho que lance seu olhar sobre os subúrbios da capital e seu desenvolvimento em tais regiões, o foco na região noroeste se restringe a uma

análise sobre o surgimento do bairro Carlos Prates. Ainda que não se proponha a analisar a região do Padre Eustáquio, a obra de Aguiar se revela fundamental para a compreensão do contexto histórico de ocupação das primeiras periferias da cidade.

Seu trabalho faz também um panorama dos processos políticos que culminaram na decisão de mudar a capital de Minas da cidade de Ouro Preto para uma cidade construída a partir do zero. Analisando os projetos da Comissão Construtora da Nova Capital (CCNC), Aguiar demonstra que o projeto de poder por trás da transferência da capital era bem mais amplo do que simplesmente criar um novo espaço para abrigar os poderes políticos do estado.

A transferência da capital era sobretudo, parte de um processo mais amplo de modernização da economia regional em Minas, além de uma busca por criar através da Cidade de Minas um elemento representativo da nova ordem federativa e republicana que se iniciava.

Podemos ver tais aspirações por parte do poder público ao analisarmos a *Mensagem ao Conselho Deliberativo da Cidade de Minas apresentada em 19 de setembro de 1900 pelo prefeito Dr. Bernardo Pinto Monteiro*. No referido documento, o prefeito de Belo Horizonte, Bernardo Pinto Monteiro, nomeado pelo então Presidente do Estado de Minas Gerais, Silviano Brandão, refere-se a alguns motivos para a mudança da capital do estado:

“O pensamento do legislador mineiro, quando decretou a mudança da Capital, foi crear uma cidade que não primasse somente pela sua beleza topográfica, pela sua architectura, pela sua hygiene e por tudo quanto constitui o ideal moderno de um núcleo populoso. A cidade imaginada deveria servir também de espelho, onde reflectissem as grandezas do Estado. Ver a Capital de Minas, deve ser também conhecer as riquezas deste vasto território de que ella é a sede, riquezas tão variáveis como várias são as qualidades do solo, varias a sua conformação physica e a sua producção”. (Disponível em: <http://www.pbh.gov.br/arquivopublico/relatoriosdosprefeitos/1899-1900-Bernardo-Pinto-Monteiro.pdf>)

Vemos claramente que o governo mineiro buscou construir uma representação física de suas aspirações políticas, na tentativa de criar uma nova rede de símbolos que ajudasse a confirmar o novo regime político republicano e federativo. A construção da nova capital demarcaria ainda um suporte de ideias importante para a classe política,

podendo evocar a partir da construção da nova cidade o espírito mineiro, capaz de realizar obras grandiosas.

De certa forma, a Cidade de Minas, erguida sobre o antigo Curral del Rey, representava ainda uma tentativa de “civilizar” o povo mineiro. A cidade representaria uma nova maneira de ser mineiro, de se portar no mundo urbano que estava sendo criado. Na mensagem ao Conselho Deliberativo da Cidade de Minas, Bernardo Pinto Monteiro fala sobre a população da nova capital da seguinte maneira,

“Assignalo, cheio de entusiastico contentamento, a nenhuma reluctancia com que os dignos habitantes desta cidade recebem sempre as medidas que os obrigam a certos deveres.

População nova, sem maus hábitos, parece ter toda ella feito entre si tácito convenio, tendo por fim o engrandecimento e o progresso desta encantadora cidade.”

(Disponível

em:

<http://www.pbh.gov.br/arquivopublico/relatoriosdosprefeitos/1899-1900-Bernardo-Pinto-Monteiro.pdf>)

Para Tito Flávio Aguiar, segundo relatado em sua tese, chama atenção a diferença de traçado entre a zona central da cidade, limitada pela Avenida do Contorno e com ruas e avenidas largas e ordenadas, e a zona suburbana com ruas estreitas e aparentemente sem planos urbanísticos para determinar a ordem espacial. (AGUIAR, 2006)

Para o autor, tal situação se deve não a falta de planejamento da CCNC, mas sim à modificação imposta pelo governo estadual nos planos originais de Aarão Reis, engenheiro chefe da comissão. Entre 1898 e 1899, o projeto original da Cidade de Minas foi substituído por outra iniciativa do governo mineiro. Voltada para a modernização regional, a criação das zonas coloniais impactaria o futuro da ocupação da capital.

O objetivo do governo do estado ao utilizar o sistema de zonas coloniais em detrimento das zonas suburbanas originalmente propostas era promover a modernização do setor agrário de Minas Gerais, da mesma forma como a área urbana deveria ser o polo de desenvolvimento industrial no estado. No entanto, ao contrário da zona urbana, a zona colonial falhou como projeto modernizante. (Idem, 2006)

As ex-colônias agrícolas acabaram por serem integradas à zona suburbana. Isso não significou, entretanto, a integração desses territórios à cidade na forma de bairros. O processo de transformação das ex-colônias que ficavam no entorno da área urbana em bairros da capital ocorre apenas a partir da década de 1920.

Para compreender melhor esse processo de construção de Belo Horizonte, devemos também nos ater ao trabalho de Berenice Martins Guimarães, "*Cafuas, barracos e barracões: Belo Horizonte, cidade planejada*". Lançada em 1991, a tese de Berenice busca a compreensão do projeto político da elite mineira por trás da criação de BH. Segundo ela, a mudança da capital tinha por objetivo a transformação de Minas em um estado moderno frente a república recém surgida. (GUIMARÃES, 1991)

Essa necessidade de modernização do estado teria criado uma repulsa ao passado colonial, do qual Ouro Preto era a expressão máxima. Desta forma, para a autora, a mudança da capital se deu também no campo da política. Mais do que disputas de grupos pró e contra a República, existiam diversos conflitos internos que ameaçavam até mesmo a unidade territorial de Minas Gerais.

A necessidade de construção de uma metrópole se dava como forma de contrabalancear as fortes influências de São Paulo e Rio de Janeiro sobre várias regiões de Minas Gerais. A construção da Cidade de Minas, na região que foi escolhida, ocorreu após um acordo entre diversas facções que dividiam o poder no estado.

Mesmo a escolha do engenheiro responsável pela Comissão Construtora da Nova Capital teve um viés político. Aarão Reis fora escolhido para participar do projeto por não ser originário de Minas Gerais, sendo, portanto, alheio às disputas locais pelo poder, e por já ter trabalhado com o Presidente do Estado, Afonso Pena, na época em que este foi Ministro da Agricultura do Império.

De acordo com Berenice Martins, esse acordo para a escolha do local de construção da nova capital não ocorreu de maneira pacífica. Existiam grupos com interesses diversos, defendendo tanto a manutenção de Ouro Preto como capital como a mudança para uma nova localidade. Fica fácil perceber tais disputas a partir da leitura

do trecho abaixo, retirado de outro texto da autora, *A concepção e o projeto de Belo Horizonte: a utopia de Aarão Reis*,

Valendo a pena registrar que o antigo Curral de Rei venceu, não por ser considerado a melhor opção, mas por se pensar ser impraticável levar à frente tal projeto, dadas as precárias condições do arraial. Alinhado de “papudópolis, cretinópolis, poeirópolis e formigópolis”, julgava-se ser materialmente impossível realizar-se tal empreendimento no prazo de quatro anos – 1893/1897 – o que não aconteceria em relação à outra localidade, a Várzea do Marçal, o que levou os antimudancistas a votarem a favor do Curral del Rei” (GUIMARÃES, 1996. p. 125)

Ainda no mesmo trabalho, Guimarães disserta a respeito das possíveis influências de Haussmann nas ideias de Aarão Reis para a concepção do projeto da nova capital. Entretanto, acreditamos que tal influência, se existiu, não se deu na parte do projeto propriamente dito. Aarão Reis parece ter se influenciado mais por uma espécie de ‘escola de pensamento’, baseada nas escolas politécnicas.

Fundamentou-se na técnica como a chave fundamental para vencer a natureza, trazendo diversas das mais modernas ideias de urbanismo em circulação no período. Tal pensamento pode se alinhar com o ideário de Haussmann, mas não significa uma influência direta sobre o projeto de Belo Horizonte.

Para Berenice Martins Guimarães, se houve uma inspiração no modelo do gestor de Paris, se deu mais na questão da organização da CCNC do que na concepção do projeto da nova capital. (GUIMARÃES, 1996)

O processo de mudanças no projeto original da Cidade de Minas, promovendo a criação da zona colonial, também é discutido por Berenice Martins Guimarães, Segundo a autora, a mudança na Presidência do Estado, com Bias Fortes assumindo no lugar de Afonso Pena representou uma reorganização nas oligarquias dominantes. Para ela,

O processo se inicia com a mudança política na Presidência do Estado que se deu com a substituição da antiga facção representativa da região do centro do Estado (Afonso Pena) por outra composição oligárquica, liderada por Bias Fortes e mais identificada com a elite cafeeira. Afonso Pena, político de projeção nacional e hábil negociador, é sucedido por Bias Fortes, representante da força emergente do clientelismo, insatisfeita com a excessiva autonomia político-administrativa atribuída ao responsável pela nova capital e contrário à adoção de critérios racionalistas na condução do projeto. (Idem, 1996. p. 135-136)

Com as diferenças entre o poder público e o responsável pelo projeto, Aarão Reis pede demissão da CCNC em 1895, sendo substituído por Francisco de Paula

Bicalho. Assim fica aberto o caminho para a efetivação do projeto das colônias agrícolas, impactando todo o desenvolvimento urbano da capital pelos próximos anos.

Outro estudo que se ocupa de análise da região suburbana de Belo Horizonte e merece destaque é o trabalho de Jeanne Marie Ferreira Freitas, *O planejamento urbano de Belo Horizonte: reflexões a partir do bairro Carlos Prates*, de 1997. A autora também busca demonstrar como se deu o processo de ocupação das zonas suburbana e rural da Nova Capital. (FREITAS, 1997)

A autora, Jeanne Marie Freitas propõe que as colônias agrícolas implantadas pelo governo do estado de Minas Gerais teriam ocupado as terras destinadas à zona rural ou de sítios, o que configuraria o uso deste espaço para um fim não muito distante de seu propósito original.

Desta maneira, o governo mineiro instituiu a zona colonial nos subúrbios de Belo Horizonte, realizando sua divisão em cinco unidades, as ex-colônias agrícolas: Adalberto Ferraz, Afonso Pena, Américo Werneck, Bias Fortes e Carlos Prates.

O presente trabalho procura abordar, além das questões sociais e culturais envolvidas no processo de formação do bairro Padre Eustáquio, também as questões políticas e econômicas. O poder público em geral age como produtor do espaço público, tentando aplicar normas e formas à população, que se adapta ao espaço ao mesmo tempo em que adapta estes espaços aos seus usos. (Idem, 1997).

À ação política da Prefeitura de Belo Horizonte, tentando normatizar a vivência dos moradores das cercanias do Padre Eustáquio através das regras para uso e ocupação do solo da cidade deve-se somar a posição central do mercado imobiliário no processo de ocupação do território suburbano.

Na tentativa de melhor compreender tal influência, é muito esclarecedor o artigo de Mariana Maia Martins de 2009, cujo título *Uma nova dinâmica imobiliária?: estudos e interpretações dos bairros Carlos Prates e Padre Eustáquio* elucida qual seu objetivo principal.

Procurando comparar a evolução da dinâmica imobiliária nos bairros vizinhos, Martins demonstra de que forma a ação do mercado imobiliário ajudou a gerar distinções

entre Carlos Prates e Padre Eustáquio, transformando este último em local de preferência das construtoras para a construção de novas edificações. (MARTINS, 2009)

Aqui é importante frisar que o crescente interesse das construtoras pela região veio acompanhado de investimentos públicos para melhoria da estrutura urbana (Idem, 2009). Ganham destaque obras das décadas de 1940 a 1970, como o Elevado Dona Helena Greco e a canalização do Córrego do Pastinho, na Avenida Pedro II.

Ainda segundo Martins, ao buscar a normatização do cotidiano da população, o poder público, em geral, não obtém o resultado esperado uma vez que é difícil modificar as dinâmicas internas dos grupos sociais. Mesmo a ação do mercado imobiliário nem sempre consegue alterar os modos de vida de uma determinada região se o grupo aí presente se mostra socialmente coeso.

Os problemas com moradia logo se manifestaram na nova capital. Com os altos preços dos lotes da zona urbana e as muitas obrigações sobre os padrões construtivos, a população prefere ocupar a zona suburbana. Dessa forma, subverte-se a lógica imaginada por Aarão Reis, do crescimento da cidade do centro para a periferia.

A dinâmica social e econômica faz a cidade se desenvolver da periferia para o centro, causando o seguinte problema ao poder público: um centro com estrutura urbana montada e pouco habitado, e uma periferia sem estrutura urbana e com grande adensamento populacional.

De acordo com Tito Flávio Aguiar, o processo de formação dos espaços da primeira periferia de Belo Horizonte se deu de três formas:

“Na primeira, o adensamento e a subdivisão dos grandes lotes suburbanos transformaram os espaços dos bairros implantados na zona suburbana da cidade nos termos do plano da CCNC. Na segunda situação, a partir da divisão dos lotes coloniais, o espaço rural das antigas colônias agrícolas foi transformado em bairros suburbanos. Por fim, na zona rural, o parcelamento de glebas levou ao surgimento de vilas periféricas, sem infraestrutura urbana, ultrapassando os limites da área destinada em 1895 à Cidade de Minas”. (AGUIAR, 2006. p. 397)

Ao longo das primeiras décadas do século XX, entretanto, com o crescimento de Belo Horizonte, as colônias foram retornando ao seu propósito original, dando origem a

diversos bairros e vilas operárias. Esses novos conjuntos espaciais surgiram sem qualquer planejamento urbano, aparentando uma desordem que contrastava com a suposta ordem existente no perímetro da Avenida do Contorno.

Vemos dessa forma os impactos das alterações feitas no plano original da cidade. Ao criar o modelo das colônias agrícolas, o governo do Estado gerou uma situação que determinaria o modelo de ocupação de Belo Horizonte, com grande parcela da população ocupando terrenos nas áreas suburbanas. Essas zonas suburbanas se tornariam posteriormente bairros ditos pericentrais, por se encontrarem em volta do cinturão formado pela Avenida do Contorno.

Tais bairros se tornaram posteriormente bairros tradicionais da capital mineira, como os bairros Floresta, Santa Tereza, Carlos Prates, Padre Eustáquio, dentre vários outros. Sua ocupação tem muito a ver com a forma como as colônias foram extintas, pois suas terras foram loteadas e revendidas. Nos anos de 1920, BH cresceu desordenadamente, obedecendo unicamente a interesses particulares, sem grande controle pela municipalidade sobre a venda dos lotes. Algum nível de controle do poder público sobre esse processo imobiliário só vai surgir a partir da década de 1930, quando se retoma o processo de planejamento da cidade.

A partir dos anos 1930, com o progresso econômico de Belo Horizonte, fez-se necessário um replanejamento da cidade, já que ela começava a sofrer os impactos da expansão desordenada dos primeiros anos. Mesmo sob pressão do mercado imobiliário, grande beneficiado pelo crescimento sem regras, o poder público municipal cria leis que tentam limitar o loteamento desordenado de sítios na região das ex-Colônias Agrícolas (MARTINS, 2009).

Com a vinda de imigrantes de diversos locais (italianos, alemães, árabes, etc.), além de migrantes de diversas cidades do interior do estado, criou-se uma mescla onde as elites política e econômica mantiveram seu *status quo*, gestando uma cidade que se dividia profundamente entre privilegiados e excluídos já em seu princípio. Desta maneira, a cidade nascida para ser uma metrópole, um espelho da nova e moderna era republicana, já surge trazendo consigo um reflexo mais realista da sociedade na república brasileira: a profunda desigualdade entre as elites e o povo.

Historicamente, a maioria desses bairros ditos pericentrais surgiu a partir da ocupação de migrantes e imigrantes que vieram trabalhar nas obras de construção da nova capital de Minas Gerais. O bairro Padre Eustáquio não foge dessa lógica, com a região sendo composta pela ex-colônia agrícola Carlos Prates¹¹ e posteriormente por algumas vilas operárias que conformaram o bairro como conhecemos hoje (AGUIAR, 2006).

O problema da moradia popular atravessa quase toda a história de Belo Horizonte. Desde os primórdios, com o nível de desigualdade espacial e social, chegando aos dias atuais onde ainda assistimos a um grande déficit de moradias entre as classes populares da cidade.

De acordo com relatório apresentado pela Fundação João Pinheiro em 2013, o déficit de habitações em BH - gerado por alugueis altos, domicílios em condições precárias, adensamento populacional em imóveis alugados e coabitação familiar – era de setenta e oito mil unidades de moradia¹²

. Por esses dados, podemos confirmar o problema histórico das moradias populares em Belo Horizonte. Uma das tentativas em solucionar a situação da falta de moradias da cidade foi implementada por Juscelino durante seu mandato. Conforme vemos no relatório que JK entrega ao governador de Minas Gerais, Benedito Valadares,

“A atenção que demos à criação do bairro residencial da Pampulha tinha de ser contrabalanceada, em respeito à própria função social da Administração, com o estudo e a solução do problema dos bairros populares, cuja importância na vida

¹¹ Carlos Prates é o nome do engenheiro responsável pela Secretaria de Obras Públicas do estado de Minas Gerais quando a construção da nova capital. Com a demissão de Aarão Reis, engenheiro chefe da Comissão Construtora da Nova Capital (CCNC), Carlos Prates assumiu o posto de engenheiro responsável pela finalização do projeto de implementação da Cidade de Minas.

¹² “Os municípios nos quais os déficits absolutos eram maiores foram Belo Horizonte (Central), com 78 mil; Contagem (Central), com 22 mil; Uberlândia (Triângulo), com 20 mil; Juiz de Fora (Zona da Mata), com 16 mil; e Montes Claros (Norte), com 10 mil. “Grande parte dos municípios com as maiores taxas de domicílios precários e coabitação familiar estavam localizados nas regiões Norte e Noroeste de Minas, enquanto as cidades com as maiores taxas de ônus com aluguel localizavam-se nas regiões Sul, Central e Zona da Mata. Já o adensamento de domicílios alugados estava distribuído uniformemente pelo estado”, observou Adriana Ribeiro. “Com domicílios em boas condições de habitabilidade, Belo Horizonte apresentou um déficit habitacional absoluto de 78 mil unidades. A principal carência de infraestrutura da capital mineira era o esgotamento sanitário, com 23 mil unidades”, completou.” Disponível em: <http://www.fjp.mg.gov.br/index.php/noticias-em-destaque/2680-fundacao-joao-pinheiro-e-ministerio-das-cidades-divulgam-os-resultados-do-deficit-habitacional-municipal-no-brasil>. Acessado em: 26/09/2017, às 12:16

de uma capital, é óbvio insistir, se sobrepõe ao interesse, ou pelo menos, o iguala que devem encontrar dos governos os núcleos de vivendas das classes mais favorecidas. ” (Relatório do Prefeito Juscelino Kubitschek Oliveira para o Governador Benedicto Valladares Ribeiro [título atribuído] – 1940/1941)

Como podemos ver, a administração de Juscelino à frente da Prefeitura de Belo Horizonte, em sua tentativa de expandir o desenvolvimento urbano para além dos limites da Avenida do Contorno, acaba por se deparar com a situação das moradias nos bairros populares. Para sua gestão, no contexto do Estado Novo e da valorização do papel do trabalhador, poderia gerar uma imagem negativa o esforço por construir um espaço de vivência das elites locais – a Pampulha – e não dotar as regiões suburbanas de infraestrutura.

As obras de JK voltadas a regiões suburbanas também servem aos interesses dos mais poderosos, afinal facilita o acesso do trabalhador ao seu local de trabalho e favorece também a circulação de mercadorias pela cidade.

A preocupação principal de Kubitschek no começo de seu mandato é com a situação da região da Pedreira Prado Lopes. Ali, bem ao lado do centro urbanizado e ‘civilizado’ da capital, encontrava-se uma ocupação urbana que fugia completamente dos padrões que eram considerados aceitáveis pelo poder público. No mesmo relatório, JK assinala sua visão sobre a situação da Pedreira,

“Em vários anos sucessivos, a dois passos da cidade, se vinham localizando classes de menor capacidade econômica, operários e até mendigos, na área conhecida pela designação de Pedreira Prado Lopes. Administrações anteriores tomaram providências que visavam à urbanização daquela parte da cidade, sem conseguir, contudo, obra que saneasse higiênica e **esteticamente** o aglomerado. ” (Relatório do Prefeito Juscelino Kubitschek Oliveira para o Governador Benedicto Valladares Ribeiro [título atribuído] – 1940/1941 – grifo nosso)

O prefeito parecia preocupado com a questão da qualidade de moradia dos habitantes da Pedreira Prado Lopes, mas também se preocupa com a imagem moderna que vem tentando colar na cidade. Um aglomerado de *cafuas* e *barracos* pode prejudicar a propaganda feita sobre a cidade jovem, moderna e arejada, pronta para receber os ventos do progresso.

Ainda no mesmo documento, vemos um retrato da situação da ocupação de Belo Horizonte, com as periferias crescendo em ritmo maior que o centro e sem possuir a mesma estrutura urbana,

“Nele fomos encontrar 483 casebres e cafúas, em lamentáveis condições de construção, sob qualquer ponto de vista, a abrigar uma população superior a 3.000 pessoas. Tais habitações primárias não contavam com serviço de água nem instalações sanitárias, apresentando, em sua totalidade, ou quase, os mais desoladores índices de habitabilidade, inferiores a quanto se poderia admitir, como expressão mínima de elementares condições de higiene. Crescia de pronto a gravidade das condições quando se verificava que essa verdadeira chaga, rasgada em nossa estrutura urbanística e social, se completa com um contingente de cerca de 25% de cafúas exploradas em aluguéis, representando fonte de renda, antes que miserável moradia própria de trabalhadores.” (Relatório do Prefeito Juscelino Kubitschek Oliveira para o Governador Benedito Valladares Ribeiro [título atribuído] – 1940/1941)

A situação não pode ser tomada como realidade de todas as zonas periféricas de Belo Horizonte no período, com outras regiões mais dotadas de serviços públicos e com habitantes de classes médias da sociedade. No entanto, acreditamos que sirva como uma ilustração do processo de ocupação das zonas suburbanas de maneira diferente da proposta inicialmente pela Comissão Construtora da Nova Capital.

A constituição do espaço das vilas operárias aqui estudadas como espaços de convivência dotados de coesão sócio espacial, como o estudo pretende demonstrar, possui relação estrita com a presença do Padre Eustáquio von Lieshout.

A presença do religioso holandês foi fator determinante para o surgimento do bairro que leva seu nome, e ao redor de sua imagem foi criada uma coesão social que permanece nos dias atuais. Ao longo do próximo capítulo, pretende-se demonstrar o processo histórico que construiu a imagem de Padre Eustáquio como alguém de notório reconhecimento por parte dos adeptos da fé católica.

Junto às massas, vieram as figuras políticas. A principal autoridade pública a se aproximar de Padre Eustáquio foi o então prefeito de BH, Juscelino Kubitschek de Oliveira. Sua proximidade do padre se deu também por questões pessoais. É conhecida na cidade a história sobre a gravidez da esposa de Juscelino, Sarah Kubitschek, que após muitos tratamentos, teria engravidado após receber a benção de Padre Eustáquio, conforme relata matéria no site do jornal Estado de Minas, em 16 de outubro de 2016,

“O padre, que costumava saudar seus fiéis com o lema “saúde e paz”, foi beatificado pelo Vaticano em 2006, depois de ter sido reconhecido seu milagre na cura de um câncer, e continua atraindo multidões. Além do reconhecimento do Vaticano, uma infinidade de relatos cercam a história do holandês. Um dos casos, que ganhou repercussão nacional, foi a gravidez da então primeira-dama de Belo Horizonte, Sarah Kubitschek.

Em depoimento ao Vaticano, o ex-prefeito e ex-presidente da República Juscelino Kubitschek contou que, depois de 12 anos tentando todos os tratamentos sem nenhum resultado, sua mulher recebeu uma benção do Padre Eustáquio. “Cerca de 10 dias depois, constatou-se a concepção. Quando ele veio à minha casa, o recebemos mais por delicadeza do que pensando em um fato extraordinário. Como católico, admito o milagre”, disse Juscelino.” (Site do Jornal Estado de Minas)

Vinculado ao padre por uma questão pessoal, JK também se utiliza politicamente da imagem do Padre. Ainda em vida, Padre Eustáquio assistiu à doação do terreno para construção da Igreja dos Sagrados Corações pela Prefeitura de Belo Horizonte, através do Decreto-Lei No 113, de 09 de setembro de 1942, que autorizou a doação do terreno à Congregação dos Sagrados Corações de Jesus e Maria. Em seu artigo 1º, o Decreto-Lei determina que

“Fica o Prefeito de Belo Horizonte, autorizado a doar, por escritura pública, à Congregação dos Sagrados Corações de Jesus e Maria, o quarteirão número três (3), da Vila Bela Vista, de sua propriedade, sito nesta Capital, com as dimensões e divisas constantes da planta cadastral do município.” (Decreto-Lei No 113, de 09 de setembro de 1942)

Em exposição no Santuário da Saúde e da Paz, no Mausoléu dedicado ao religioso holandês, vemos a exposição de diversas fotos com a história do templo. Dentre essas fotos, destaca-se a de Juscelino junto de Padre Eustáquio durante a cerimônia de lançamento da pedra fundamental da Igreja dos Sagrados Corações.

Aliás, a apropriação política da imagem do Beato Eustáquio se dá ainda hoje. Além das disputas entre as várias cidades que o abrigaram no Brasil pelo direito de se colocar como depositária da memória e da tradição do religioso, temos as tentativas de promover eventos das municipalidades utilizando a figura do padre.

Como podemos ver nas fotos abaixo, retiradas do site da Prefeitura de Poá, a figura do Beato é utilizada ainda hoje para a promoção de eventos, bem como é apropriada por políticos locais que buscam se associar à imagem de Padre Eustáquio.



Figura 3: 1ª Corrida de Padre Eustáquio, realizada na cidade de Poá Fonte: Site da Prefeitura de Poá. Disponível em <http://www.prefeituradepoa.sp.gov.br/novo/>. Acessado dia 01 de julho de 2015 às 17:30.



Figura 4: 1ª Corrida de Padre Eustáquio, realizada na cidade de Poá Fonte: Site da Prefeitura de Poá. Disponível em <http://www.prefeituradepoa.sp.gov.br/novo/>. Acessado dia 01 de julho de 2015 às 17:30.



Figura 5: Homenagem ao Padre Eustáquio no dia 30 de agosto de 2014, dia referendado pela Igreja Católica como Dia de Padre Eustáquio. A homenagem contou com a presença do Prefeito de Poá à época Fonte: <http://www.prefeituradepoa.sp.gov.br/novo/>. Acessado dia 01 de julho de 2015 às 17:30.

A ideia de criação de uma corrida oficialmente promovida pela Prefeitura da cidade de Poá, ajuda a reforçar a noção de uma aproximação entre o poder público e a imagem de Padre Eustáquio, apelando à crença no religioso para reforçar a imagem política. Esta ideia de um reforço político através do apelo religioso fica explicitada também na presença do prefeito da cidade nas homenagens realizadas pela ocasião do Dia de Padre Eustáquio.

2.3 - Padre Eustáquio e a Política: relação além morte

A partir da morte de Padre Eustáquio em 30 de agosto de 1943, assistiremos a uma longa sucessão de batalhas relacionadas a seu capital político. Aqui compreenderemos o capital político no sentido expresso por Luís Felipe Miguel (2003), a partir de leitura feita pelo autor das ideias de Pierre Bourdieu, “ (...) há o conceito de capital político, extraído da Sociologia de Pierre Bourdieu. Ele indica o reconhecimento social que permite que alguns indivíduos, mais do que outros, sejam aceitos como atores políticos e, portanto, capazes de agir politicamente. ”

Partindo deste princípio, podemos considerar que Padre Eustáquio gozava de grande capital político junto à população belorizontina quando de sua morte. Deste momento em diante, vemos uma constante luta entre diversos setores políticos, de estados e cidades diferentes, em busca de se valer deste capital político em benefício próprio.

Analisando decisões do legislativo mineiro em anos posteriores à morte de Padre Eustáquio, é possível compreender ao menos uma parte dos movimentos em direção ao aproveitamento do capital político do religioso. Apenas 4 meses após a sua morte, no dia 28 de dezembro de 1943, é baixado o Decreto-Lei 1005. Em seu texto, o decreto-lei “Dá a denominação de “Padre Eustáquio” à Rua Contagem do Bairro de Carlos Prates nesta capital”.

Em 1943, Juscelino Kubitschek era ainda o Prefeito da capital, onde liderava o executivo dentro de um sistema político de cunho autoritário, o Estado Novo de Getúlio Vargas. Como prefeito nomeado para o cargo, sem a força do voto, era fundamental para a construção de sua carreira política o uso da mídia para se promover e receber o respaldo da população. Outra via possível para a criação de capital político seria o uso da imagem

de alguém que já o possua e que possa de alguma forma realizar um processo de transferência de parte deste capital.

No texto da Lei 168, de 13 de julho de 1948, a Assembleia Legislativa de Minas Gerais “Autoriza o Governo do Estado a custear despesas de viagem e hospedagem a representante da Congregação Jesus e Maria e a membro da família do Padre Eustáquio van Lieshout”. Na passagem a seguir, fica clara a motivação para que o legislativo mineiro autorizasse o custeamento destas despesas de viagem, sancionadas pelo então governador de Minas Gerais, Milton Soares Campos,

“O Povo do Estado de Minas Gerais, por seus representantes, decretou e eu, em seu nome, sanciono a seguinte lei:

Art. 1º - Fica o Governo do Estado autorizado a dispender até a importância de Cr\$50.000,00 (cincoenta mil cruzeiros), com viagem e hospedagem de um representante da Congregação dos Sagrados Corações de Jesus e Maria e a um membro da família do Padre Eustáquio van Lieshout, da Holanda a Belo Horizonte.

Art. 2º - A importância aludida no artigo 1º será dispendida quando da transladação dos despojos do Padre Eustáquio para a Matriz dos Sagrados Corações, cuja construção ele iniciou, o que se verificará por ocasião do quinquênio do aniversário do seu sepultamento no Cemitério do Bonfim.

Art. 3º - Esta despesa correrá pela verba própria - Publicidade, Turismo e Hospedagem - do Orçamento da Despesa para 1948. ” (Lei 168, de 13 de julho de 1948. Fonte: Site da Assembléia Legislativa de Minas Gerais.)

Olhando para a data de expedição do despacho do governador, 13 de julho, percebemos a proximidade com o referido quinquênio da morte de Pe. Eustáquio. Em busca de estreitar laços com a família Lieshout, os governantes mineiros autorizam que um representante da Congregação SSCC vá até a Holanda, incumbido da missão de trazer representante da família para as homenagens que seriam realizadas em Belo Horizonte.

Um forte indicativo da forma como JK manipulou a imagem de Padre Eustáquio em busca de se colar ao seu prestígio social nos é mostrado no trabalho de Maria Leandra Bizello, intitulado “Entre Fotografias e Fotogramas: a construção da imagem pública de Juscelino Kubitschek - 1956-1961”. Analisando uma fotoreportagem produzida em 1956 pela Revista Manchete, Maria Leandra destaca a seguinte passagem,

“A imagem de Juscelino Kubitschek enquanto pai protetor sai algumas

vezes do âmbito familiar para outras áreas que utilizam esse estereótipo para exemplificar comportamentos. É o que acontece na fotorreportagem sobre o processo de beatificação do Padre Eustáquio. JK está abraçando Márcia, a legenda e o texto os ligam ao Padre milagreiro: Antes de ser presidente da república, o cidadão Juscelino Kubitschek alcançou duas graças, com a intercessão do saudoso apóstolo: a 1ª, o nascimento de sua filha Márcia (aos dez anos de casado ainda não tinha descendente); a 2ª, a cura de grave infecção na garganta – Figura 106.”

A passagem resgata uma importante história que une pessoalmente as figuras de JK e de Padre Eustáquio. Em episódio bastante comentado da vida pessoal de Juscelino e de sua esposa Sarah: o nascimento de sua filha Márcia. Tal momento é tão importante na história de JK, que foi retratada na série televisiva que contou a história do ex-presidente.

A minissérie, exibida num período de cerca de 4 meses no ano de 2006, mostrava os 74 anos da vida de Juscelino. Como peça televisiva, com duração determinada, seleções foram feitas a respeito dos conteúdos mais relevantes da vida do político. E ainda assim, é retratada a cena em que Sarah Kubitschek vai de encontro a Padre Eustáquio para contar-lhe a respeito de seu desejo de ser mãe. No dia 22 de outubro de 1943, menos de dois meses depois do falecimento do padre, nasceu Márcia Kubitschek.



Figura 6: reprodução da cena onde Sarah tem seu encontro com Padre Eustáquio. Fonte: <http://jk.globo.com/Series/JK/0,,AA117159-5074,00.html>.

Desta forma, acredito, é possível demarcar um espaço em que Juscelino abertamente busca se associar à imagem do padre milagreiro. Em um primeiro momento,

no período de estadia do religioso em Belo Horizonte, justamente no meio do mandato de Jk na Prefeitura.

Já em um segundo momento, após a morte do beato, vemos um uso esporádico da figura do religioso, sempre em alusão ao nascimento da filha, criando um sentido de proximidade pessoal entre o político e o clérigo.

CAPÍTULO 3 – Quando o Padre se torna um espaço da cidade

Objetivando-se a compreensão dos processos envolvidos na conformação sócio espacial do bairro, devemos compreender a memória envolvida na construção do personagem Padre Eustáquio. Um melhor entendimento do local que esse personagem ocupa na coletividade, nos ajuda a perceber quais as identidades que se unem para moldar um ambiente coeso socialmente. No próximo capítulo, pretende-se analisar esta conformação e os atores e processos envolvidos na criação do bairro Padre Eustáquio.

3.1 – O ritual da morte

Para muitos belorizontinos, faz parte do senso comum acreditar que Eustáquio von Lieshout viveu por longos anos na capital mineira, criando profundos laços com seus moradores (ANDRADE e ARROYO, 2012). Porém, seu período de estadia em Belo Horizonte foi de apenas 15 meses. Teria sua morte, mais do que sua vida, ajudado a produzir e fortalecer esses laços?

No livro “*O Céu da Memória: cemitério romântico e culto cívico dos mortos em Portugal (1756-1911)*”, Fernando Catroga (1999) elabora questões que nos ajudam a compreender melhor como o rito de morte de Padre Eustáquio ajudou a criar esses laços que mantem sua imagem ainda hoje tão ligada à Belo Horizonte.

O rito de morte existe como forma dos humanos cultuarem os seus mortos. Em diferentes culturas temos uma infinidade de possibilidades de ritos fúnebres. Entretanto, existem aspectos dessa ritualística que surgem em diversas sociedades humanas, como o medo da finitude do ser humano e a dor de perder alguém querido.

Em ambos os casos, o ritual de ‘esconder’ o corpo inerte antes que entre em decomposição auxilia que nós, humanos, consigamos lidar com essas duas questões que tanto nos afligem. Ao ver o corpo decomposto, além da dor sentimental que existe em ver uma pessoa querida se decompondo em osso e vermes, existe ainda a dor existencial de ver concretamente, na figura do defunto, a finitude da vida humana.

O ritual fúnebre funciona como uma espécie de ato de memória, que transmite a lembrança daquele que se foi para os vivos, confortando também estes de que não serão plenamente esquecidos. Segundo Catroga, “[...] se ontologicamente a morte remete para

o não-ser, é na memória dos vivos, enquanto imagens suscitadas a partir de traços com referente, que os mortos poderão ter existência (mnésica) ” (CATROGA, 2003, p. 14).

Devido ao receio da finitude humana, do medo de morrer e ser completamente esquecido, o rito funerário, com seus símbolos, funciona como um monumento memorial que marca que o defunto ali se encontra, que não permite que ele seja enterrado e esquecido posteriormente. Para Fernando Catroga,

“Insinua-se assim que a função do símbolo funerário é a de, em última análise, ser metáfora do corpo, trabalho imaginário exigido pela recusa da morte pela consequente objetivização dos desejos compensadores de sobrevivência nascidos do facto de a condição humana exigir ontologicamente a assunção de um ‘desejo de eternidade’. Perante a incompreensibilidade do morrer, a memória emerge como protesto compensatório. Mas, na morte do outro, é a morte de cada um que se antevê; e, na recordação do finado, é ainda a sua própria morte que se pensa ou se dissimula: na sua re-presentificação, encontra-se projetada a morte futura do próprio evocador, bem como os seus anseios de perpetuação na anamnesis dos vivos.” (CATROGA, 2003, p 15)

A morte de Padre Eustáquio atingiu um nível de espetacularização que a então jovem capital mineira ainda não havia presenciado. Seu funeral foi um dos primeiros ocorridos em Belo Horizonte em que uma grande massa populacional se juntou para assistir à despedida do religioso do mundo dos vivos. Imagens da época mostram o tamanho da comoção popular em torno da morte do padre.



Figura 7: Imagem 4 – Imagem do traslado do corpo do Padre Eustáquio até o cemitério do Bonfim, em Belo Horizonte. Fonte: <http://www.sscpcipus.com>. Acessado no dia 30 de junho de 2015 às 14:00.

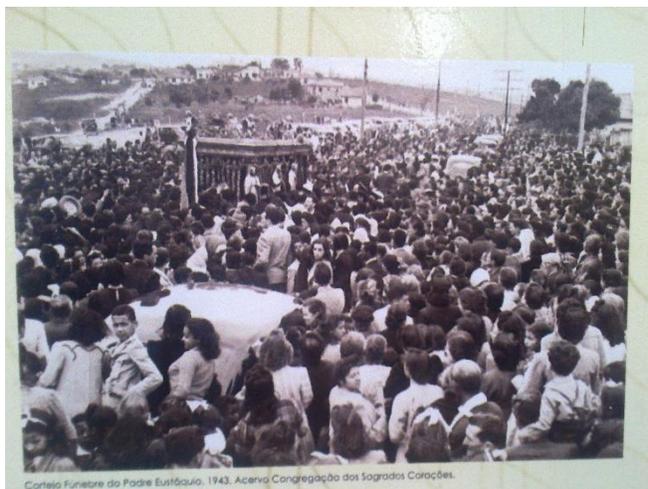


Figura 8: Imagem do funeral de Padre Eustáquio. Belo Horizonte, 1943. Fonte: Foto tirada pelo autor em visita a exposição no Centro Cultural do Bairro Padre Eustáquio.

Além das proporções monumentais do próprio funeral, não podemos deixar de levar em consideração os aspectos políticos ligados à morte de Padre Eustáquio. Em seu curto período de estadia em Belo Horizonte, o religioso teve uma estreita relação com o então prefeito da cidade, Juscelino Kubitschek.

O prefeito foi responsável pelo lançamento da pedra fundamental a Igreja dos Sagrados Corações de Jesus e Maria, hoje conhecida pelos moradores da capital mineira como Igreja de Padre Eustáquio. Foi de sua autoria também a doação do terreno onde hoje se encontra a Igreja.

Esse ato é atribuído a um suposto milagre alcançado por Juscelino e sua esposa Sarah, que somente teriam conseguido gerar uma filha após a interseção do Beato, em episódio narrado até mesmo na série televisiva “JK”, produzida pela Rede Globo em 2006 a respeito da vida do ex-presidente da República.

Mesmo após a morte de Padre Eustáquio, sua memória foi sistematicamente resguardada das teias do esquecimento. As tentativas de criar um espaço de memória que simbolizasse a permanência da figura do religioso entre os vivos foram bem-sucedidas.

Em 1943, a antiga Estrada para Contagem recebe seu nome. Já em 1949, a Vila Progresso passa a se chamar bairro Padre Eustáquio. Sua vida e sua obra são utilizadas para a construção de um projeto de memória que irá envolver ainda a criação de um colégio

com seu nome, bem como a transformação da Igreja dos Sagrados Corações em uma das maiores e mais movimentadas de Belo Horizonte.

O interior da Igreja carrega ainda hoje um vasto conjunto de símbolos que não permitem que a presença do padre seja esquecida. Desde lojas com souvenirs de todos os tipos, sempre em alusão ao Beato, até um pequeno memorial onde são guardados seus pertences materiais e seus restos mortais. Morto, Padre Eustáquio ainda se encontra vivo nas teias da memória dos moradores do bairro que leva seu nome.



Figura 9: Foto do memorial de Padre Eustáquio, onde se encontram seus restos mortais. Fonte: Foto capturada pelo autor. Belo Horizonte, 30/08/2014.



Figura 10: Memorial do Padre Eustáquio, com seus pertences pessoais. Fonte: Foto capturada pelo autor. Belo Horizonte, 30/08/2014.



Figura 11: Memorial do Padre Eustáquio, com destaque para sua máscara mortuária. Fonte: Foto capturada pelo autor. Belo Horizonte, 30/08/2014.

3.3 - Corpo volta para a igreja - fala do trajeto de levar de volta

O processo de retorno do corpo do Padre para a Igreja é envolto por uma série de disputas. Todas as localidades por onde passou em vida querem reivindicar para si as relíquias sagradas associadas ao religioso. A disputa principal se dá com a cidade de Poá, que insiste em receber os restos mortais para fundar ali um espaço definitivo para a morada das forças simbólicas de Eustáquio von Lieshout.

Precisamos entender porque essa disputa era tão importante para as cidades. Partindo da chave de análise proposta por Jean-Claude Bonnet, em sua obra já analisada nesta dissertação, a morte dos grandes homens é utilizada para criar um sentimento de coesão social e de pertença. Podemos compreender, portanto, que o possuidor dos restos mortais é também o possuidor das possibilidades de mobilização da imagem social que aquele grande homem deixou. Seu espólio principal é o capital político e simbólico deixado junto de sua carne.

A partir da morte, todos os itens daquele padre, considerado um homem santo, passam imediatamente a possuir o sentido de relíquias sagradas àqueles que partilharam a fé naquele homem. É uma forma de manter a conexão com ele, dando mais embasamento à crença em algo que já não existe mais. Mesmo buscando o sagrado como explicação do mundo, o homem necessita de algo minimamente concreto para que não se sinta crendo no vento.

O trajeto do corpo sem vida de Pe. Eustáquio merece destaque. Como já demonstrado no item anterior, a mobilização em torno de sua morte foi enorme, com sua sepultura sendo carregada pela população no caminho da Igreja até o Cemitério do Bonfim, sua primeira morada eterna – não tão eterna assim. Já em 1949, 6 anos após sua morte, seu corpo foi removido do Cemitério e levado para dentro da Igreja dos Sagrados Corações, criando ali um lugar de memória definitivo, que não permitia discussões sobre quem seria dono de seu espólio social. O ato de transportar seus restos mortais de volta para a Igreja possuiu um enorme simbolismo, pois acaba por dotar essa carne sem vida de uma sacralidade ainda maior, ao mesmo tempo em que cria um ambiente especial, de devoção a um santo que está praticamente presente para aqueles que nele acreditam. A potência deste ato de memória é enorme.

Mais tarde, em 2006, quando o processo de beatificação de Pe. Eustáquio já se encontrava em fase final, após o Vaticano dar o sinal verde para iniciar os rituais de oficialização deste status, a Igreja dos Sagrados Corações, já em processo para se tornar um Santuário, decide construir um memorial a parte para os restos mortais do Padre. Hoje, seu descanso ocorre em um anexo lateral da igreja, onde uma grande estrutura em pedra branca, com um busto de Eustáquio von Lieshout localizado acima, não deixa dúvidas sobre a sua presença. Ele está ali, mas também está presente em todo o bairro, com as fotos de sua face distribuídas em quadros nas paredes de casas e estabelecimentos, além de chaveiros, ímãs de geladeira e terços espalhados pela cidade e pelo Brasil inteiro. Produtos estes que são prontamente vendidos pelas funcionárias da lojinha localizada dentro do térreo da Igreja, onde é possível encontrar todo tipo de produto relacionado com a imagem do Padre.

3.4 - A rua e o bairro - A disputa de sentidos

O bairro Padre Eustáquio, localizado na região noroeste da cidade de Belo Horizonte, encontra-se entre os mais populosos do município, abrigando mais de 28 mil pessoas, de acordo com o Censo do IBGE de 2010¹³. Tal configuração demonstra a relevância do estudo desta localidade para compreendermos melhor as dinâmicas históricas e sociais da própria cidade.

Um bairro não se faz apenas do comércio, ou das ruas e habitações. Se faz também das relações diárias que ali são construídas. O sentimento de pertencimento a um determinado lugar muitas vezes é maior até do que o sentimento de pertencer a cidade. Afinal, nossas formas de socialização mais próximas, mais imediatas, se apresentam ali, no espaço do bairro.

Essas relações surgem dos hábitos cultivados coletivamente: jogar bola na rua, brincar na praça, andar de bicicleta pela vizinhança, num processo que nos leva ao reconhecimento espacial e pessoal. Através destes hábitos, somos levados a caminhar e a explorar as possibilidades do local onde moramos. Uma brincadeira de 'esconde-esconde' acaba por nos levar a recantos muitas vezes ainda inexplorados. É essa vivência que caracteriza e conforma essa lógica de pertença aos bairros.

No caso de Belo Horizonte, alguns bairros apresentam um nível de adensamento populacional tão elevado, que viver ali significa quase viver em uma cidade com vida própria. Os bairros maiores, dotados de infraestrutura, são como microcosmos. Sofrem a imposição do tempo da vida urbana, mas também são capazes de impor a sua própria percepção temporal.

Esmiuçando o território dos bairros, chegaremos até as ruas, o espaço público por excelência, espaço das experiências humanas. Segundo Sandra Pesavento, no livro *O Espetáculo das Ruas*, as ruas existem a tanto tempo quanto as cidades, tendo sido palco dos grandes acontecimentos. Se durante muito tempo sua função principal era a de separar as casas, seu sentido é modificado especialmente a partir do século XIX, com a

¹³ Informação disponível em: <http://gestaocompartilhada.pbh.gov.br/estrutura-territorial/bairros>. Acessado em: 27/10/2017 as 02:39.

consolidação da ordem burguesa e a criação de um novo imaginário social. (PESAVENTO, 1992)

A expansão dessa ordem burguesa para as Américas internacionalizou o capitalismo e os valores econômicos, sociais, políticos e ideológicos. Essa transformação do mundo trouxe o espaço urbano para o centro do mundo econômico e social. A cidade virou o local onde as coisas acontecem. De acordo com Sandra Pesavento, “A contrapartida cultural desta ampla gama de transformações materiais e sociais é que se entende como modernidade.” (Idem, 1992)

A modernidade gera múltiplos sentimentos, uma postura de atração-repúdio. As pessoas vivem a modernidade, mas nem sempre conseguem lidar ou querem aderir a estes novos valores que surgem. As transformações em curso ameaçam e seduzem. A construção de um imaginário social acompanha a vivência da modernidade. Esse imaginário coletivo produz uma identidade. Para a autora, “O imaginário coletivo comporta, pois, os desejos, sonhos e utopias de uma época.” (Ibidem, 1992)

A transformação da rua em espaço público é que irá dar a ela a característica de um espaço múltiplo. Enquanto a casa é o local do convívio íntimo, a rua é o espaço do convívio compartilhado, diverso. A burguesia e o proletariado agora dividem este espaço.

No decorrer do século XX, as ruazinhas calmas e controladas pelas ‘mexeriqueiras’, deram lugar ao corre-corre, às multidões apressadas. Porém, em bairros como o Padre Eustáquio, essas ruazinhas ainda persistem, e ainda podemos ver as crianças ditando o ritmo de suas brincadeiras.

Para tentar evocar esse tempo próprio do bairro, que ajuda a caracterizar um modo de vida próprio, a autora Cristina Guimarães Alves, em sua dissertação *O espaço entre a memória e a história mudanças na paisagem do bairro Padre Eustáquio*, realiza uma análise da região antes mesmo do processo de construção da Cidade de Minas. Busca compreender uma espécie de permanência que existiria ali em relação a forma de viver e de sentir o mundo.

A questão neste capítulo passa por compreender quais foram as mudanças sociais e os interesses políticos por trás do surgimento do bairro Padre Eustáquio. Acreditamos

que a união da população em torno da figura do Padre foi sem dúvida um importante elemento para as mudanças sociais que marcaram as transformações da região. Além disso, parece claro o interesse do poder público por explorar a imagem de santo atribuída a Padre Eustáquio, como forma de garantir a fixação da memória de sua estadia entre os belorizontinos.

Conclusão

Vendo a passagem de Padre Eustáquio por todos os locais onde estabeleceu seu trabalho missionário no Brasil, como Romaria, Poá ou BH, temos como um forte ponto de conexão a maneira como ele pareceu aglutinar as pessoas ao seu redor. Sua presença marca o espaço, e essa marca acaba por se tornar permanente, irradiando um sentido de pertença e criando identidades para os fiéis presentes na localidade. Os espaços e temporalidades são profundamente marcados pela presença de Pe. Eustáquio, que usou seu carisma e sua intenção de perpetuar o poder da Igreja Católica para estabelecer uma profunda relação com os fiéis.

Esta relação, como visto ao longo da dissertação, passava longe de ser algo motivado por uma boa intenção. Padre Eustáquio servia a um projeto maior da Igreja Católica, de busca pela ampliação de sua influência nos rincões da América Latina. Pode-se dizer que obteve sucesso, visto que criou lugares com uma memória tão forte e tão atrelada à religiosidade da população, que sua presença parece quase constante na vida das comunidades com as quais conviveu.

A sua ação como pároco foi muito além da mera presença nos espaços sagrados da Igreja. Sua ação se dava no dia a dia das comunidades, estreitando laços e rompendo as divisões entre sagrado e profano. Não fosse assim, certamente suas marcas teriam sido menores e bem menos potentes do que são. E o são ainda hoje, pois claramente sua presença ainda emana sentido de pertencimento junto aos habitantes desses locais por onde caminhou no Brasil.]

É evidente a forma como sua imagem ainda é potente o suficiente, mesmo 75 anos após a sua morte. No Bairro Padre Eustáquio, em BH, vemos claramente o quanto a sua presença é forte e de fato ainda presente na vida dos moradores. A Igreja é fator gerador de coesão social. Através das fotos das festividades pelo dia de Padre Eustáquio,

comemorado no dia 30 de agosto, vemos a forma como distintas classes sociais e distintas gerações se misturam para celebrar a memória de Pe. Eustáquio. As barraquinhas são repletas de jovens que fazem parte dos grupos de formação cristã da Igreja, e que no dia 30 entregam seu tempo e esforço para participar da festa, que serve também como importantíssima fonte de receita para o Santuário da Saúde e da Paz.

A Igreja Católica aproveitou-se do enorme carisma de Padre Eustáquio e capitalizou de diversas formas a partir disto. Inicialmente, usando-o como parte de um projeto de expansão e consolidação do poder eclesiástico. Posteriormente, valeu-se desta imagem na construção de um espaço de forte memória, além de capitalizar politicamente com a proximidade de homens poderosos, como Juscelino Kubitschek.

Aqui, vale lembrar que este processo não foi uma via de mão única, em que a Igreja foi a única a buscar evocar esta memória do Padre. Como vimos, JK valeu-se enormemente de sua proximidade com o religioso para se promover politicamente como um homem ao mesmo tempo moderno e arraigado aos ideais cristãos (afinal, nada mais belorizontino.)

Bibliografia

Artigos, teses e dissertações:

- AGUIAR, Tito Flávio Rodrigues de. Vastos subúrbios da nova capital: formação do espaço urbano na primeira periferia de Belo Horizonte. 445 p. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em História da UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. 2006.
- ALVES, Alan N. Religiosidade Popular: "A crença do povo é a crença de Deus". Diversidade Religiosa. v.1, n. 2, 2014.
- ALVES, Cristiana Guimarães. *O espaço entre a memória e a história: mudanças na paisagem do bairro Padre Eustáquio*. Belo Horizonte. Ano de obtenção: 2009.
- ARDUINI, Guilherme e BITTENCOURT, A.B. *Apresentação*. In: Dossiê Empreendimentos sociais, elite eclesiástica e congregações religiosas no Brasil República: a arte de "formas bons cidadãos e bons cristãos". Revista pro.posições v. 28, n. 3 (84). Set/Dez. 2017.
- FREITAS, Jeanne Marie Ferreira. O planejamento urbano de Belo Horizonte: reflexões a partir do bairro Carlos Prates. Cadernos de Arquitetura e Urbanismo. Belo Horizonte. v.5, n.5, p. 187-254, dez. 1997.
- GUERRA, Isabel – "Modos de vida. Novos percursos e novos conceitos". Sociologia, Problemas e Práticas. Lisboa. 1993. P. 59-74.
- GUIMARÃES, Berenice Martins. Cafuas, barracos e barracões: Belo Horizonte, cidade planejada; 1991; Tese (Doutorado em Programa de Pós-graduação em Sociologia - IUPERJ) - Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior; Orientadora: Licia do Prado Valladares;
- LIMA, Renata Mayara M. de. *A crítica do mundo moderno em Georg Simmel*. Revista inter-legere, n. 10, jan. a jun. de 2012.
- MANOEL, Ivan Ap. *História, religião e religiosidade*. Revista Brasileira de História ds Religiões – Ano I, n. 1 – Dossiê Identidades Religiosas e História, 2008.

- MARTINS, Mariana Maia. Uma nova dinâmica imobiliária?: estudos e interpretações dos bairros Carlos Prates e Padre Eustáquio. Belo Horizonte: Laboratório de Estudos Urbanos e Metropolitanos (LAB-URB) – UFMG, 2009.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, São Paulo: PUC, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.
- OLIVEIRA, Felipe Frederico de. De colônia agrícola a bairro: uma discussão sobre o processo de parcelamento, ocupação e formação do tecido urbano na ex-colônia de Carlos Prates. Revista do Instituto de Ciências Humanas. Belo Horizonte. V.4, n.4, p. 183-187, set. 2009.
- POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.
- _____. Memória, Esquecimento, Silêncio. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v.2, n.3, 1989. p.3-15.
- RORATO, M. *Imagens do fascismo em São Paulo no semanário ítalo-paulista II Moscone*. In: II Encontro Nacional de Estudos da Imagem, 2009, Londrina. II Encontro Nacional de Estudos da Imagem, 2009. p. 1397-1408.
- TEIXEIRA, Marlene P. V.; MACHADO, Rosa Maria. *Conceito de bairro – unidade popular ou técnica?* Anuário do Instituto de Geociências. UFRJ. Rio de Janeiro: 1986.
- Weber, M. (1919 [1967]) "A política como vocação", in H. H. Gerth e C. Wright Mills, orgs. (1967) *Max Weber - Ensaios de Sociologia*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos: pp. 55-89.

Livros:

- ANDRADE, Luciana Teixeira de; ARROYO, Michele Abreu. Bairros pericentrais de Belo Horizonte: patrimônio, territórios e modo de vida. Belo Horizonte: PUC Minas, 2012.
- BLOCH, Marc. *Apologia da História*. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2002.

- BONNET, Jean-Claude. *Les morts illustres oraison funèbre, éloge académique, nécrologie*. In: Pierre Nora (Ed.), *Les lieux de mémoire, Part 2 La Nation (Vol. 3)*, 1986
- BOSI, Eclea. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.
- BRAGA, Antônio Mendes da Costa. *Padre Cícero: sociologia de um Padre, antropologia de um Santo*. Bauru, SP: EDUSC, 2008.
- CANDAU, Joël. *Memória e Identidade*. São Paulo: Contexto, 2014.
- CATROGA, Fernando. *O céu da memória. Cemitério romântico e culto cívico dos mortos em Portugal (1756-1911)*. Coimbra: Minerva, 1999.
- _____. *Os passos do homem como restolho do tempo, Memória e fim do fim da história*. Coimbra: Almedina, 2009
- CAUQUELIN, Anne. *Essai de philosophie urbaine*, PUF, 1982.
- DUTRA, Eliana de Freitas. (org.) *BH – horizontes históricos*. 1 ed. Belo Horizonte, 1996.
- FREITAS, Fátima. *História e Memórias do bairro Padre Cruz: construir a cidade à escala humana*. Lisboa: Carnide - Junta de Freguesia, 2012.
- GONTIJO, Naid Emília de Oliveira. *Pe. Eustáquio – seus primeiros passos no Brasil*.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.
- HARTOG, François. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2013.

- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.
- LUCA, Tania Regina de. *História dos, nos e por meio dos periódicos*. In: Fontes Históricas. BASSANEZI, Carla Pinsky (org.) São Paulo: Editora Contexto, 2008.
- MONTEIRO, Norma de Góes. *Imigração e colonização em Minas: 1889-1930*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1973.
- PECHMAN, R. M. (Org.); RIBEIRO, L. C. Q. (Org.). *Cidade, Povo e Nação. Gênese do Urbanismo Moderno*. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileiro, 1996.
- PESAVENTO, Sandra Jatthy (coord). *O espetáculo da rua*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS; Prefeitura Municipal, 1992.
- ROLNIK, Suely. *Cartografia Sentimental – transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2006.

Lista de Fontes:

Jornais:

- Estado de Minas - 31 de agosto de 1943
- Folha de Minas - 01 de setembro de 1943
- Folha de Minas - 31 de agosto de 1943
- Folha da Noite - 06 de maio de 1941
- Folha da Noite - 08 de julho de 1941
- Folha da Noite - 15 de maio de 1941
- Folha da Noite - 17 de julho de 1941 2
- Folha da Noite - 17 de julho de 1941
- Folha da Manhã - 03 de agosto de 1941
- Folha da Manhã - 29 de setembro de 1943
- Folha da Manhã - 02 de setembro de 1943

- Folha da Manhã - 04 de setembro de 1943
- Folha da Manhã - 05 de setembro de 1943
- Il Moscone – 1942 (ed. 700)
- O Globo – 14 de maio de 1941
- O Globo – 08 de julho de 1941

Sites:

- Site do Santuário de Nossa Senhora da Abadia. Disponível em: <http://www.senhoradabadia.com.br/>
- Site do Vaticano. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/vatican/pt.html>
- Site do Jornal Estado de Minas. Disponível em: <https://www.em.com.br/>

Legislação:

- Mensagem ao conselho deliberativo da Cidade de Minas apresentada em 19 de setembro de 1900 pelo Prefeito Dr. Bernardo Pinto Monteiro. Prefeitura de Belo Horizonte.
- Relatório do Prefeito Juscelino Kubitschek de Oliveira para o Governador Benedicto Valladares Ribeiro [título atribuído] – 1940/1941.
- Decreto-Lei No 113, de 09 de setembro de 1942. Prefeitura de Belo Horizonte.

Livros:

- *Do diamante ao milagre da fé*, escrito por Maria das Dores Damasceno.
- *Padre Eustáquio: seus primeiros passos no Brasil*, cuja autora é Neid Emília de Oliveira Gontijo.